Tribuna da Luta Operária

ANO IV Nº 137 DE 26 DE SETEMBRO A 3 DE OUTUBRO DE 1983

Cr$ 100,00

Em Manaus 20 mil participam de revolta popular

O estopim da revolta foi o aumento das passagens dos ônibus de 80 para 110 cruzeiros. A PM reprimiu brutalmente um protesto popular realizado na terça-feira, dia 20. Houve uma verdadeira batalha de rua da qual participaram umas 20 mil pessoas. Cerca de 100 ônibus foram quebrados.

Na quarta-feira, o vice-governador recebeu uma comissão de aproximadamente 70 entidades e desculpou-se oficialmente pela repressão ao povo. E prometeu que isto não voltaria a acontecer. Prometeu ainda atender às reivindicações populares. A questão do preço das passagens ficou para ser resolvida pelo próprio governador, que estava em viagem.

Mas na quinta-feira o governador Gilberto Mestrinho, ao invés de tratar dos problemas do povo, acusou o Partido Comunista do Brasil como causador dos conflitos. Numa cadeia de rádio e televisão do Estado, adotou uma atitude policialesca e passou inclusive a citar os nomes de pessoas supostamente da direção deste Partido. É uma velha manobra, muito usada pela ditadura — não tem soluções para a crise e trata de apontar um bode espiatório para desviar a atenção. Mestrinho chegou mesmo a atacar o deputado estadual do PMDB, João Pedro.

Cerca de 100 ônibus foram depredados

Mas o povo não vai nesta conversa. Quer resposta para suas reivindicações. Ao fecharmos esta edição estava programado um encontro das lideranças populares com o governador. O clima em Manaus é tenso. Esperava-se uma grande concentração de massas na porta do Palácio para saber o resultado das negociações. Página 4.

Caiu o 2024: Figueiredo derrotado

A pressão dos sindicalistas nas galerias foi decisivo para a derrota do 2.024

Por 252 votos contra um, o governo Figueiredo e o FMI morderam o pó da derrota quarta-feira no Congresso Nacional. Seu decreto de redução dos salários, o 2.024, foi derrubado pelas oposições unidas. Agora prepara-se a batalha contra o outro decreto da fome, o 2.045, em que a pressão do movimento sindical e popular será decisiva. Página 3

Governo em ruínas

Caiu a escada, mas o general Figueiredo, desesperadamente, ainda sonha em ficar pendurado na brocha. A derrota do decreto-lei 2.024 é um exemplo evidente de que o governo não tem mais as mínimas condições para continuar dirigindo o país. Além de inteiramente isolado, a sua própria base de sustentação política, o PDS, está em ruínas.

Durante todo este ano a preocupação central do governo foi encontrar formas práticas para executar as ordens recebidas do FMI. Teve que recorrer aos decretos-lei. Mas no primeiro teste para aprová-los no parlamento, foi fragorosamente derrotado. E para esta derrota contribuiram o PTB, que o governo fez tudo para ter como fiel aliado, e um grupo do próprio PDS, que quebrou acintosamente a disciplina do partido.

A verdade é que o governo já não pode mais fazer do Congresso um cúmplice submisso de suas traições ao povo. As contradições políticas e sociais chegaram a tal ponto que até os mais vacilantes são forçados, pela ameaça de conflitos sociais agudos, a se rebelar contra as pressões governamentais. E mesmo uma parte do PDS torna-se cada dia mais ousada, não aceitando mais o papel de simples repetidor dos desejos e ordens do Executivo, como acontecia na antiga Arena.

Depois da derrota do 2.024, estão flagrantes as amplas condições políticas para vetar também o decreto-lei 2.045, que já está em plena atividade, espalhando a miséria entre os trabalhadores. E por outro lado fica claro que este governo está desmoralizado, tem que ser substituído. Está criado um impasse entre a vontade da imensa maioria da nação e a arrogância do general Figueiredo, que teima em impor sua orientação entreguista aos brasileiros. Este impasse se expressa agora na recusa do Poder Legislativo em pactuar com os crimes do Executivo contra o povo.

Mas a desagregação do poder não pode levar a se imaginar que o governo cairá por si mesmo. Desacreditado, dividido por disputas internas sem princípios e cada vez mais atolado nos compromissos com o capital financeiro internacional, o grupo do Planalto não está disposto a largar o posto voluntáriamente. Sua substituição por um novo governo, que represente a vontade da maioria da nação, só será alcançada pela união e luta das forças oposicionistas.

Não basta que os governantes tenham dificuldades em manter a direção. É indispensável que o povo também além de não aceitar o governo, tome a iniciativa de criar, através de enérgicas ações de massas, uma nova alternativa de poder. Está aí, na organização e na atividade das forças populares e democráticas, a questão chave que pode a curto prazo levar ao rompimento do impasse político em que vive o país. Particularmente a ação decidida dos operários, à frente do movimento popular, por ser a força mais interessada na conquista da liberdade e na defesa da soberania nacional.

Ao mesmo tempo em que se organiza para exigir um governo provisório, o povo não pode se descuidar das forças fascistas, que também estão atentas para a desagregação do governo e, encobertas com uma linguagem nacionalista, tratam de se apresentar como salvadoras da pátria.

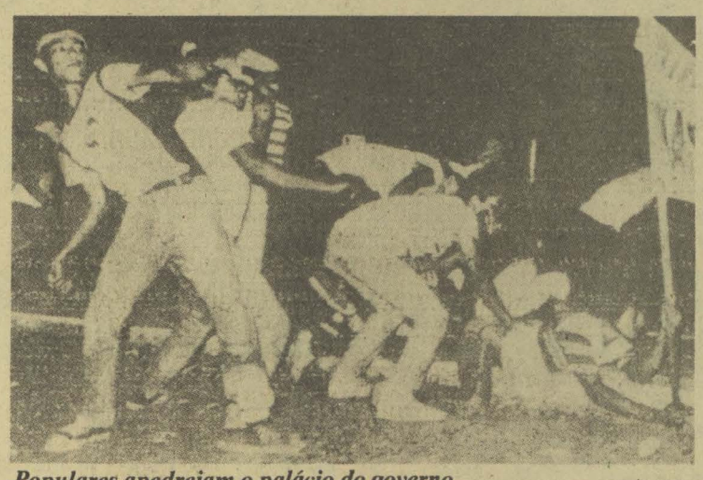
A próxima batalha, no Congresso Nacional, será pela derrota do 2.045, que já mostrou ser um objetivo viável. A mobilização dos Sindicatos e demais entidades populares será um fator decisivo. As manifestações públicas marcadas para o próximo dia 30 representam a primeira grande demonstração de força dos trabalhadores para rejeitar o 2.045 e contribuir para apressar o fim deste governo antioperário e antinacional.

Metalúrgicos em campanha contra o arrocho

500 mil metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos iniciam luta salarial contra arrocho. **Pág. 5**

Os canavieiros votam pela greve

Eles são 240 mil em Pernambuco e 30 mil no Rio Grande do Norte. Na campanha salarial, proclamam que "o tempo da escravidão já acabou". **Pág. 8**



Populares apedrejam o palácio do governo

Ditadura metralha protesto em Manila

Mais de 500 mil pessoas sairam às ruas na última quarta-feira em Manila, capital das Filipinas, para protestar contra a ditadura de Ferdinand Marcos, no 11º aniversário de decretação da lei marcial no país, e um mês do assassinato do líder oposicionista Benigno Aquino. Tropas governamentais metralharam a multidão. Dez pessoas morreram e mais de 100 ficaram feridas. O povo gritava "Revolução! Revolução!". Os manifestantes repudiaram também a visita ao país do presidente norte-americano, Ronald Reagan, marcada para novembro.

Página 2

"Nordeste Urgente": A TV Globo oculta as raízes da seca

Personalidades nordestinas condenam campanha demagógica e inútil para o sertão. Página 8

Guerra aberta dos Estados Unidos contra o Líbano

Soldados e navios norte-americanos atacam os patriotas libaneses e bombardeiam Beirute. **Pág. 2**

Minas contra o leite caro

Mulheres fazem protesto em Belo Horizonte contra o aumento do preço do leite. Veja na página 4.

CEDEM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Os Estados Unidos em guerra com o Líbano

As chamas da guerra voltam a incendiar o Líbano. E desta vez os soldados e navios norte-americanos desempenham diretamente o seu papel de tropas de ocupação, envolvendo-se cada vez mais nos combates contra as forças patrióticas libanesas do líder druso Walid Jumblat. Com a Síria também sendo tragada na escalada da luta, o Oriente Médio volta a se tornar o perigoso estopim de um confronto geral entre EUA e URSS.

O total oficial de vítimas no atual conflito já ultrapassa a casa de 500 soldados mortos, entre os quais quatro norte-americanos e dez franceses, e mais de 3 mil feridos. A luta começou com a retirada das tropas israelenses dos arredores de Beirute para uma faixa de território mais ao sul. As milícias drusas aproveitaram para expulsar as forças reacionárias falangistas que haviam penetrado na região das montanhas Shouf com cobertura de Israel durante a invasão do ano passado. Sem o moleque de recados sionista para fazer o seu jogo sujo, as tropas imperialistas ianques foram forçadas a se envolver diretamente nos combates.

"PORTA DA CAPITAL"

A batalha crucial se dá pela posse de Sulk El Gharb, 15 km a sudeste de Beirute, que é considerada a "porta da capital". Fontes das forças patrióticas e progressistas dão conta que os milicianos drusos vêm avançando rua a rua e estão agora eliminando os últimos focos de resistência das tropas de Amin Gemayel, ajudadas pela marinha ianque.

Tentando desesperadamente deter o avanço das forças patrióticas libanesas, a marinha ianque já por três vezes bombardeou pesadamente as posições sírio-drusas nas montanhas. Os bombardeios foram realizados pelo cruzador nuclear Virgínia, e pelo contratorpedeiro John Rogers, que integram a esquadra de 14 vasos de guerra norte-americanos ancorados em frente a Beirute. Caças ianques também sobrevoam a região dos conflitos, em ações de apoio à força aérea de Gemayel, que já perdeu três dos seus seis aviões. E o mais irônico é que até o momento os Estados Unidos negam o seu envolvimento nas hostilidades, afirmando que estão apenas usando "táticas de auto-defesa agressiva"...

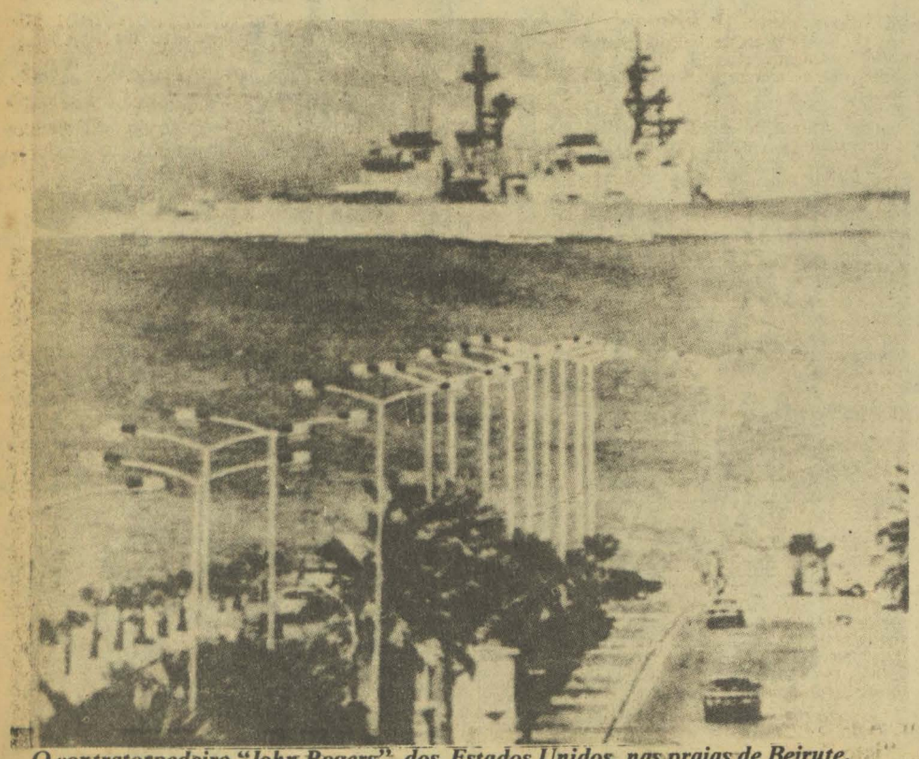
CONFRONTAÇÃO ABERTA

As demais potências imperialistas da chamada "Força de Paz" também vêm aumentando sua participação na luta, embora em menor grau. Caças franceses participam de ações de apoio a Gemayel. O governo italiano ordenou aos seus 1.500 soldados em Beirute que usem todo o seu poder de fogo para se "defender". A Inglaterra também fez declarações no mesmo sentido. Convém lembrar que nenhuma destas tropas de ocupação disfarçada moveu uma palha para cumprir seu compromisso no acordo de "paz" quando Israel organizou o hediondo massacre de Sabra e Chatila, em 1982.

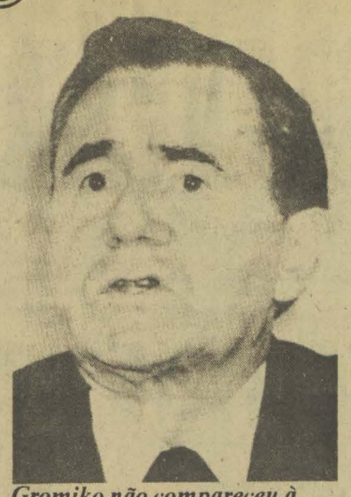
O risco do atual conflito se generalizar numa confrontação aberta entre as superpotências chega a um ponto crítico com a entrada de países armados até os dentes pela União Soviética na luta. No último fim-de-semana a artilharia síria bombardeou a região de Yarce, a leste de Beirute, onde se localizam as residências do embaixador dos EUA e do ministro da Defesa de Gemayel. Damasco advertiu que "qualquer disparo de terra, mar ou ar contra as regiões onde se encontram as forças sírias provocará uma resposta imediata." Já Muamar Kadhafi, da Líbia, ordenou que suas forças armadas, a começar pelos 600 soldados que estão no vale de Bekaa no Líbano, se ponham à disposição da Síria para qualquer eventualidade.

A crescente participação destes dois países na luta é alimentada pelo expansionismo soviético, que disputa o controle desta região estratégica com os Estados Unidos. Estas duas superpotências imperialistas quase foram à guerra pelo Oriente Médio em 1967. Nessa ocasião, assim como na invasão do Líbano por Israel no ano passado, a URSS capitulou vergonhosamente perante o imperialismo ianque. Agora, no entanto, os dirigentes revisionistas de Moscou parecem estar dispostos a seguir até o fim a rota de colisão com Washington.

(Luís Fernandes).



O contratorpedeiro "John Rogers", dos Estados Unidos, nas praias de Beirute.



Gromiko não compareceu à Assembléia da ONU.

Disputa entre EUA e URSS atinge a ONU

O clima de acentuada histeria guerreira que tomou conta dos Estados Unidos e da União Soviética depois da derrubada do Boeing coreano já envolveu os trabalhos da própria Organização das Nações Unidas. Numa atitude sem precendentes os EUA proibiram o pouso do avião que levaria o chanceler soviético Andrei Gromiko para a abertura da 38ª Assembléia Geral das Nações Unidas nos aeroportos Kennedy e Newark. Em represália a URSS cancelou, pela primeira vez em 26 anos, a presença de seu representante na assembléia geral.

ACORDO VIOLADO

Esta atitude dos Estados Unidos é de uma arrogância imperialista sem limites. Ela viola abertamente o acordo firmado em 1947 entre a ONU e o governo norte-americano para estabelecer a sua sede em Nova Iorque. A desculpa de Washington é que a medida parte dos governadores de Nova Jersey. Mas o acordo de 1947 é explícito — autoridades federais, estaduais ou municipais norte-americanas não podem impedir a viagem de diplomatas à ONU.

A ação ianque ganhou ares de provocação internacional com a petulante resposta do embaixador dos EUA, Charles Lichenstein, às críticas de diversos países membros da ONU: "Se membros das missões considerarem que não são bem-vindos ou tratados com o cuidado que o anfitrião lhes deve, os EUA encorajam fortemente que esses Estados membros considerem a possibilidade de retirar-se do território dos EUA, junto com essa organização. Nós não poremos nenhum obstáculo no seu caminho. Os membros da missão americana nas Nações Unidas estarão no cais acenando um afetuoso adeus enquanto vocês navegam em direção ao por-do-sol".

Lichenstein fez questão de reiterar que expressava o pensamento do governo norte-americano sobre a questão. Fica evidente que a sede da ONU não pode ficar mais nos Estados Unidos. Desde que o imperialismo ianque perdeu a hegemonia férrea sobre esta organização, vem a tratando com crescente desrespeito e desdém. Já foi-se o tempo em que a ONU, com pouco mais de 50 países, seguia subservientemente o ditame de Washington, como na intervenção imperialista contra a Coréia em 1953.

ESFACELAMENTO

A União Soviética, por seu lado, aproveitou para evitar que o seu chanceler tivesse que prestar esclarecimento para os 158 países membros sobre as inúmeras contradições da sua versão oficial sobre a derrubada do avião coreano. O esvaziamento da ONU pelas superpotências imperialistas em luta se parece cada vez mais com o processo de esfacelamento da Liga das Nações, às vésperas da Segunda Guerra Mundial.

E o enredo da peça ganha um tom marcadamente tragicômico com a abertura da 38ª seção da Assembléia Geral das Nações Unidas sendo celebrada oficialmente como o Dia Internacional da Paz...

Greve simbólica pára o Uruguai por 10 minutos

As fábricas e grande parte do comércio de Montevidéu paralisaram por 10 minutos suas atividades no último dia 16, na "Jornada Pacífica de Protesto Sindical" promovida pelo Plenário Intersindical de Trabalhadores do Uruguai (PIT). A greve simbólica foi realizada por turnos de fábricas e outros centros de trabalho.

Às 16 horas pararam por 10 minutos a quase totalidade dos bancários e grande parte do comércio. A jornada coincidiu com o final de uma semana de ações estudantis com uma greve geral no dia 12. Nova jornada de protesto está programada para o dia 25.

Desde o golpe militar, há dez anos, os trabalhadores uruguaios sofrem o deterioramento constante de suas condições de vida. Um dos resultados dessa situação é a saída dos trabalhadores de seu país de origem. Segundo o Centro de Investigações Econômicas, de Montevidéu, na década de 70 deixaram o Uruguai 240 mil pessoas. A cifra equivale a 20% da população economicamente ativa do país.

Romenos sem salário mínimo

Para "melhorar a produtividade, a qualidade e a disciplina nas fábricas", o governo dito socialista da Romênia acabou com o salário-mínimo! É o que diz o dirigente revisionista do país, Nicolau Ceassescu: "A partir de agora os trabalhadores poderão receber ganhos ilimitados". Em contrapartida deixa de haver salários mínimos garantidos".

Greve geral na Bélgica

No último dia 15 os empregados dos serviços públicos fizeram uma greve geral na Bélgica. Nos transportes, correios e telecomunicações a adesão foi de 100%. Os trabalhadores não aceitam a suspensão dos aumentos anuais nos seus salários e uma redução nas remunerações durante as férias.

PCOF condena Mitterrand

O Partido Comunista dos Operários da França (marxista-leninista) condenou o governo francês por ter enviado tropas ao Chade: "Outra vez o imperialismo francês se vestiu com o uniforme do gendarme na África para cuidar de seus próprios interesses e dos do imperialismo ocidental, frente às ambições da URSS imperialista". O PCOF manifesta sua oposição "à política aventureira de Mitterrand no Chade e a seu compromisso, cada vez maior, ao lado e sob o controle do imperialismo dos EUA".

Venezuela mata opositores

O Partido Bandeira Vermelha (marxista-leninista) denunciou que no dia 8 de agosto "a Guarda Nacional e agentes do corpo de segurança política, Disip, atacaram e massacraram os prisioneiros encarcerados em La Pica. Não se conhecem os pormenores desta sinistra agressão, onde foi assassinado o educador revolucionário Oswaldo Arenas Palencia, destacado dirigente sindical da zona do ferro, e 14 prisioneiros foram baleados, ficando gravemente feridos". Segundo os comunistas venezuelanos, no país "se vive uma repressão cotidiana, uma violação sistemática dos Direitos Humanos, um verdadeiro terror perpétuo. No entanto, a imprensa nacional e internacional pouco diz disso".

Protestos nas Filipinas

Mais de 15 mil trabalhadores, executivos e até empresários fizeram uma passeata no dia 16 em Manila, capital das Filipinas, com faixas com frases como "Chega de totalitarismo", protestando contra o assassinato do líder oposicionista Benigno Aquino e contra a ditadura de Ferdinand Marcos. Um dia antes mais de 5 mil estudantes haviam realizado passeata idêntica, queimando retratos do ditador, de sua esposa Imelda e do presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan. A Igreja Católica determinou que os sinos de seus templos dêem 21 badaladas (alusão à data do assassinato de Aquino, 21 de agosto), ao meio-dia.

Albânia perde Mane Nishova

Morreu no início de agosto o veterano comunista albanês, Mane Nishova. Após ter sido perseguido pelo regime reacionário de Zog, na Albânia, Nishova participou das lutas revolucionárias na França e das Brigadas Internacionalistas da Espanha, retornando a seu país em 1942, quando se incorporou ao Partido Comunista recém-fundado. Após a revolução vitoriosa, desempenhou funções na presidência das Uniões Profissionais, no Partido e na presidência da Cruz Vermelha albanesa. Foi eleito deputado em várias legislaturas da Assembléia Popular.

As vitórias da ofensiva dos guerrilheiros salvadorenhos

Nas duas últimas semanas a Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional (FMLN) lançou a sua maior ofensiva guerrilheira deste ano contra as tropas do regime pró-ianque de El Salvador. As forças patrióticas salvadorenhas têm alcançado êxitos espetaculares nos combates.

São Miguel, a terceira cidade do país, com 15 mil habitantes, a 140 km da capital, caiu sob cerco da FMLN. Mais ao sul, na província de Usulatan, uma das regiões fornecedoras de alimento mais importantes de El Salvador, as forças guerrilheiras abriram uma nova frente de combate e já ocuparam a cidade de Jucuaran. No último fim de semana a FMLN destruiu por completo a central elétrica da cidade de El Triunfo, 70 km a leste de San Salvador, deixando sem eletricidade 40% do país.

Em todos os combates os guerrilheiros têm imposto derrotas humilhantes às tropas oficiais treinadas e armadas pelo imperialismo norte-americano. Na ocupação de El Triunfo os 100 efetivos do exército que guardavam a cidade fugiram ao serem disparados os primeiros tiros. O comitê de imprensa das forças armadas admitiu no fim de semana que o exército sofreu 39 baixas, incluindo 15 mortos, em combates nos dois últimos dias, enquanto apenas três guerrilheiros morreram.

NOVO VIETNÃ

Tentando salvar seus lacaios em El Salvador, o presidente Ronald Reagan ludibriou mais uma vez as limitações impostas pelo congresso norte-americano e aumentou o número de assessores militares para as forças armadas salvadorenhas. Com simples mudanças formais de cargos, Reagan aumentou o pessoal lotado na embaixada de seis para 11 militares e o total de assessores abertos de 55 para 61. Mas as recentes vitórias da FMLN revelam que as tropas norte-americanas vão ter de se envolver muito mais diretamente nos combates para deter ou retardar a maré revolucionária salvadorenha. E aqui a síndrome do sofrimento de um novo Vietnã se faz sentir mais do que nunca na população dos Estados Unidos.

Os guerrilheiros da FMLN estão desmoralizando o exército salvadorenho.

Solução latino-americana?

Em meio à recente ofensiva da FMLN em El Salvador os chanceleres do chamado "Grupo de Contadora" assinaram uma proposta de resolução com os chanceleres dos cinco países centro-americanos para "por fim aos conflitos na região". A solução é apresentada pela grande imprensa como uma alternativa "autenticamente latino-americana" para o impasse na América Central. Mas isto está muito longe da verdade.

Os governos dos quatro países membros nem de perto são exemplo de nações latino-americanas buscando impor sua independência e soberania contra os interesses do imperialismo. O presidente do México, Miguel de La Madrid, assim que assumiu no ano passado negociou com os grandes bancos internacionais e o FMI um vergonhoso acordo de moratória que feriu diretamente a soberania do seu país. Em relação ao Panamá, o mini-golpe que levou o atual presidente Aristides Royo ao poder em 1982 foram exaltado por Reagan, que afirmou estar instalado "um poder militar mais dinâmico e pró-americano". A Venezuela e a Colômbia há muito tempo que são governadas por oligarquias pró-imperialistas. A primeira tem uma dívida externa que já ultrapassa a casa dos 50 bilhões de dólares, a terceira de toda a América Latina (incluindo aí o volume de créditos ainda não desembolsados). Na Colômbia várias forças guerrilheiras estão ampliando sua ação contra o regime anti-popular.

TÁTICAS DIFERENTES

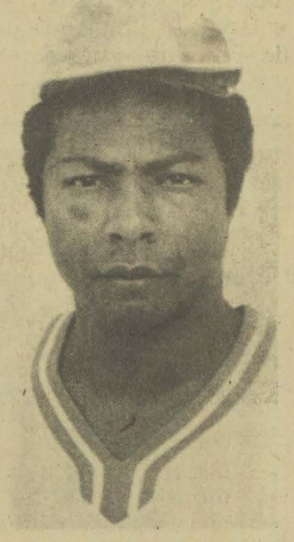
Acontece que os governos componentes do "Grupo de Contadora" têm diferenças táticas com Washington em relação à melhor maneira de deter a revolução na região. Eles consideram o curso de Reagan, de buscar uma vitória militar a qualquer custo, uma alternativa suicida que só agravará a tensão revolucionária, até mesmo nos seus próprios países.

Por isso se esforçam por esfriar a luta dos povos com propostas de conciliação. No caso da defesa da Nicarágua Sandinista, estas diferenças podem ser exploradas ao máximo para deter a invasão ianque. Mas em El Salvador os esforços do Contadora se voltam fundamentalmente para deter o ascenso da luta revolucionária e patriótica.

Assine a Tribuna Operária

"Apóio a *Tribuna Operária* porque eu a acho muito importante para a luta por um Brasil melhor. Ela retrata de forma fiel a vida sofrida dos operários e demais trabalhadores. Além do mais, é um jornal que apóia os movimentos grevistas do povo humilde. Por isso, peço a todos os trabalhadores do país que leiam, divulguem e assinem este jornal comprometido com a luta pela transformação política, econômica e social de nosso país".

(Cely José Pereira, líder grevista e operário da Companhia Municipal de Urbanização de Goiânia - Comurg)



Desejo receber em casa a *Tribuna Operária*

( ) Anual de apoio (52 edições)	Cr$ 10.000,00
( ) Anual Comum (52 edições)	Cr$ 5.000,00
( ) Semestral de apoio (26 edições	Cr$ 5.000,00
( ) Semestral comum (26 edições)	Cr$ 2.500,00
( ) Exterior, anual	70 dólares

Envio cheque nominal à
Editora Anita Garibaldi
Ltda, Rua Adoniram Barbosa, 53 (antiga Travessa Brig. Luiz Antonio) - Bela Vista
São Paulo, SP - CEP 01318

Nome:.....
Endereço:.....
Cidade:.....Estado:.....CEP:.....
Profissão:.....Data:.....

Governo perdeu a batalha do 2.024

Numa surpreendente demonstração de unidade e eficiência, as oposições fulminaram o decreto-lei 2.045 no Congresso Nacional. Num verdadeiro ensaio geral para a batalha a ser travada no próximo mês contra o 2.045. Apesar de todas as manobras sujas e covardes arquitetadas pela liderança do PDS para impedir a votação, o decreto da fome foi rejeitado.

Foram 252 votos contra o decreto e apenas um a favor, do líder do PDS na Câmara, Nelson Marchezan. Quando o resultado foi proclamado, as quase duas mil pessoas que lotavam a galeria da Câmara festejaram em coro, aos gritos de "FMI fora daqui" e cantando o Hino Nacional, sob aplausos dos deputados.

Mesmo sem contar com o voto de nenhum deputado do PDS, as oposições teriam tido condições de derrubar o decreto, já que conseguiram colocar em plenário a quase totalidade de suas bancadas. Faltaram apenas três deputados, do PTB: Ivete Vargas, Mendonça Falcão e Moacir Franco. Com exceção de Moacir Franco, que teve um princípio de enfarte durante a tarde e foi hospitalizado às pressas, os outros dois trairam a classe operária, os trabalhadores e seus eleitores, ficando ao lado do governo.

Para compensar estas ausências, 11 deputados pedessistas rebelaram-se contra as ordens do Palácio do Planalto e votaram contra o decreto, junto com as oposições. Foram eles: Saulo Queiroz, Emílio Gallo, Geraldo Renald, Humberto Souto, José Machado, Teodorico Ferraço, Fernando Collor, Tarcísio Burit, Haroldo Sanford, Lúcio Alcântara e Paulo Lustosa.

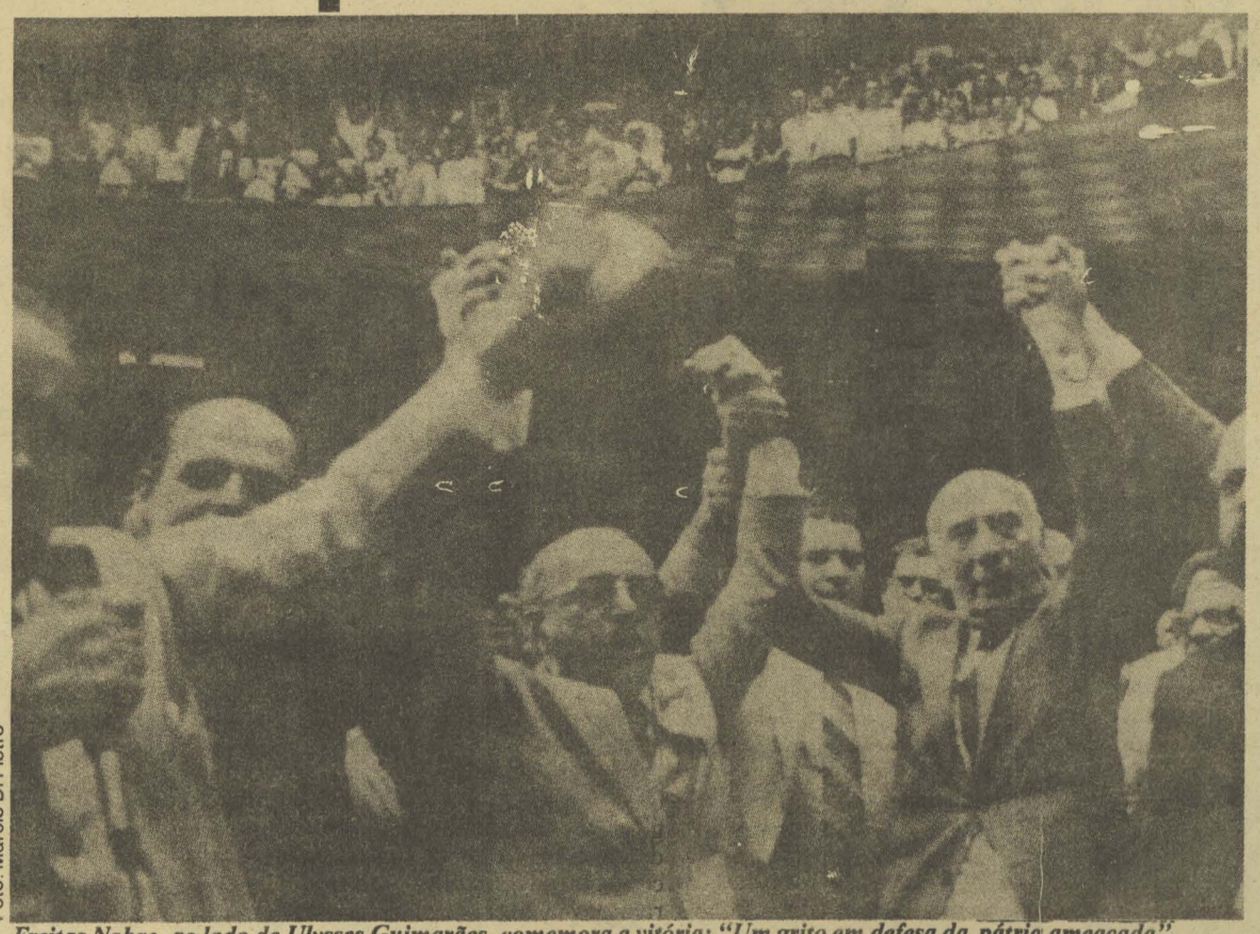


Foto: Marcio Di Pietro

Freitas Nobre, ao lado de Ulysses Guimarães, comemora a vitória: "Um grito em defesa da pátria ameaçada"

O povo, ao lotar as galerias, garantiu a votação e a vitória

A histórica seção do Congresso Nacional significou uma importante vitória das oposições e do povo contra o regime militar — e trouxe alguns ensinamentos. Em primeiro lugar, destacou a importância da mobilização popular como legítima forma de pressão sobre os parlamentares. Sem dúvida foi a mobilização das lideranças sindicais e do movimento popular e democrático, lotando as galerias do Congresso, que garantiu a realização da votação e a proclamação do resultado.

Além disto a derrota do 2.024 representou um golpe na política econômica ditada pelo FMI. Foi uma manifestação patriótica, de defesa da soberania nacional aviltada pelo poder executivo.

Ao revelar a falta de coesão da bancada do PDS e aprofundar as suas divergências internas, o resultado demonstrou o isolamento e desagregação do regime. "Isto revela um início de rebelião nas hostes do PDS, que comprova a tese de que está próximo o fim do regime militar" — comentou o vice-líder do PMDB, deputado Haroldo Lima. E agregou. "Foi uma grande vitória, que pode se transformar numa outra vitória que marque a derrocada final do regime militar".

O líder do PMDB, deputado Freitas Nobre, acredita que a derrota do 2.024 reforçou a luta em defesa da soberania nacional. "Esta decisão representou um grito em defesa de nossa pátria ameaçada e fortaleceu a negociação do Brasil, de forma autônoma e soberana, com os credores internacionais. Além disto, representou o início de um processo de anistia do legislativo. A partir de agora mostramos ao governo e à nação que somos independentes" — afirmou Freitas Nobre.

Na opinião do secretário geral do PMDB, deputado Francisco Pinto, "além de mostrar que as forças populares estão efetivamente mobilizadas e coesas, este resultado revela o fim do regime e o seu isolamento total. O próprio PDS vê que isto aí está terminando". Para o parlamentar "o importante agora é reforçarmos a organização popular e nos prepararmos para o confronto final".

Para o deputado Ademir Andrade, do PMDB do Pará, "isto representa a vontade da nação pela quebra do acordo com o FMI e em defesa da nossa soberania nacional ameaçada. O PDS cede com medo da pressão popular". Segundo Andrade, se o Congresso fosse impedido de votar o decreto, como queria o PDS, as conseqüências seriam imprevisíveis. "Se nós não pudéssemos votar arrebentaríamos o Congresso. Seria melhor fazer isso do que assumir nossa impotência. O Congresso não teria mais razão para existir", raciocinou.

Ademir Andrade afirma que a votação demonstrou que não há mais saída para o regime: "Ou o governo percebe o que está acontecendo no país e renuncia, ou então haverá em breve um confronto definitivo".

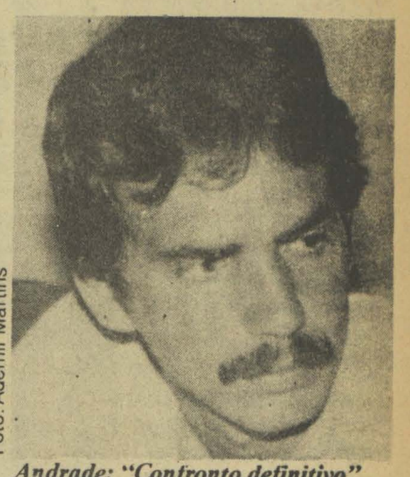


Foto: Ademir Martins

Andrade: "Confronto definitivo"

"Se o governo insistir no 2.045, pode se preparar para o pior"

O deputado operário Aurélio Peres, do PMDB de São Paulo, atribui o êxito à mobilização. "Esta foi uma vitória da classe operária que, através de suas lideranças, compareceu ao Congresso para mostrar que está disposta a ir até as últimas conseqüências para defender os seus direitos", disse Aurélio. Para ele, não há dúvida sobre o destino do decreto 2.045: "o 2.045 não passará. E se o governo insistir na sua aprovação, pode se preparar para o pior. A classe operária vai derrubá-lo nas ruas".

Outro que acredita na derrubada do 2.045 é o deputado Teodorico Ferraço, líder do movimento "Participação", a ala dissidente do PDS que colocou oito deputados em plenário para ajudar a rejeitar o decreto 2.024. "No caso do 2.024 — diz Ferraço — nós estávamos divididos, mas isto não acontecerá com o 2.045. Todos nós (do "Participação") votaremos contra". No início da semana os quase 40 deputados do grupo tencionavam enviar um abaixo-assinado a Figueiredo pedindo a retirada do 2.045. Mas segundo explicou Ferraço "isto não adianta nada. O presidente não está disposto a ouvir ninguém. Vamos derrubar o decreto". **(Moacyr Oliveira Filho).**

Foto: L. Carlos Leite

Aurélio: "O 2.045 não passará"

Foto: Arquivo TO

Chico Pinto: "É o fim do regime"

Foto: Sucursal/Brasília

Lima: "Um início de rebelião"

Proposta do PMDB para o Nordeste

Um documento assinado por 30 parlamentares das bancadas nordestinas do PMDB foi apresentado na última reunião do Diretório Nacional do partido propondo a adoção de uma estratégia de obstrução dos trabalhos legislativos. Isto até que o Congresso Nacional aprove, em regime de urgência, dois projetos relacionados com a seca do Nordeste.

Os projetos, cuja aprovação é exigida por 60% dos parlamentares do PMDB no Nordeste, são de autoria dos deputados Haroldo Lima e Oswaldo Lima Filho. O de Haroldo estabelece obrigatoriedade do pagamento do salário mínimo regional para os trabalhadores alistados nas frentes de serviço. Já o de Oswaldo Lima é uma emenda constitucional estabelecendo a obrigatoriedade da aplicação de 3% da receita tributária da União em projetos permanentes de combate à seca e de desenvolvimento do Nordeste.

O documento foi apresentado pelos deputados Haroldo Lima e Iranildo Pereira. Nele os parlamentares denunciam a situação de miséria absoluta a que está submetida a população do sertão nordestino, criticam a ação do governo e defendem a necessidade da adoção urgente de medidas para a região. Também exclarecem que "a ação do governo frente aos problemas da seca tem sido marcada, de um lado, pelo caráter paliativo e paternalista e, de outro, por inegáveis conotações política e eleitoral".

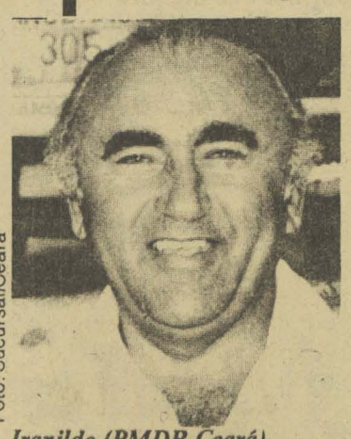


Foto: Sucursal/Ceará

Iranildo (PMDB-Ceará)

Para o deputado baiano Haroldo Lima, vice-líder do PMDB, o documento representa uma tomada de posição concreta do partido. "Não podemos olhar o drama nordestino com compaixão e esperar doações espontâneas, como as das recentes campanhas promovidas por órgãos de comunicação. Precisamos é lutar pela adoção de medidas concretas e emergenciais que resolvam a situação desesperadora e conquistar uma alteração profunda na estrutura fundiária, econômica e política". **(da sucursal).**

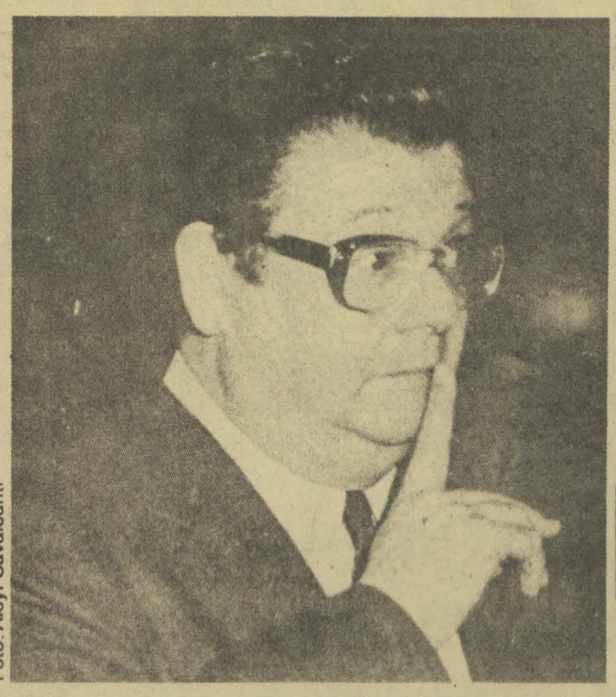


Foto: Alcyr Cavalcanti

Delfim: recebia dos banqueiros, depositava na Suiça: Andreazza: tentativa de mudar de assunto

O escabroso caso da "caixinha de Delfim"

Voltou à evidência depois de cinco anos o escabroso caso de corrupção do "Relatório Saraiva" — que envolve diretamente o ministro Delfim Netto e, por tabela, o general Figueiredo. O grupo governista, em situação difícil, tentou sem sucesso desviar as atenções do escândalo com o relançamento da candidatura de Andreazza à Presidência, terça-feira.

O episódio vem de 1978, quando Delfim Netto era embaixador brasileiro em Paris e o coronel Saraiva Martins o seu adido militar. Soube-se então da existência de um "Relatório Saraiva", que denunciava uma "caixinha" na Embaixada: Delfim recebia "comissões" para aprovar certas transações com capitalistas europeus. Empréstimos para a construção das usinas de Tucuruí, no Pará, e Água Vermelha, em São Paulo, por exemplo. O dinheiro era depositado em contas secretas na Suiça.

FIGUEIREDO ENVOLVIDO

O caso volta agora a ser discutido na Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga a dívida externa brasileira, na Câmara dos Deputados. E a "caixinha" de Delfim passou a ser denunciada por expoentes históricos da "linha dura" militar, como os generais Sílvio Frota, ex-ministro do Exército, e Fiúza de Castro, ex-chefe do Estado Maior do Exército. O próprio coronel Saraiva admitiu que o "Relatório" existe, mas sem revelar seu conteúdo. Já os generais, dispõem-se a falar.

Esta súbita disposição para esclarecer antigos podres de Delfim reflete o grau adiantado da decomposição política do regime militar. E envolve o próprio Figueiredo. Na época ele era chefe do SNI, tomou conhecimento do "Relatório Saraiva", mas silenciou.

O Planalto, visivelmente constrangido, não sabe como se safar desta. Delfim chegou a ameaçar os generais denunciantes com a Lei de Segurança Nacional, mas o assunto logou morreu, pois a LSN, feita pelos generais, evidentemente não serve para puní-los.

Todo o esforço do grupo governista volta-se então para desviar as atenções com manobras diversionistas. Figueiredo, ao menos pelo que sai nos jornais, só cuida da chamada consulta aos governadores do PDS, sobre quem deve ser o seu sucessor. E Andreazza apareceu de público terça-feira, como quem anuncia uma grande novidade, para dizer que é candidato a presidente da República. Como o Brasil inteiro já sabia disso, foi menos um lançamento e mais um relançamento, desses que os gerentes de "marketing" fazem para um produto comercial quando ele encontra pouca saída no mercado. O que preocupa os brasileiros não são as pretensões do senhor Andreazza para 1985, mas como o país vai chegar a esta data, pois o governo Figueiredo, evidentemente, já deu o que tinha que dar.

A SAÍDA POLÍTICA PARA A CRISE BRASILEIRA

JOÃO AMAZONAS

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

DIA 27 DE SETEMBRO (TERÇA) 20 HORAS

PLENÁRIO ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

PROMOCÃO: ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA RS

O recuo dos conciliadores dentro do PMDB

A direção nacional do PMDB, após ser duramente criticada por vários setores do partido pela maneira com que organizou o programa nacional que irá ao ar dia 23, recuou em algumas de suas deliberações. O combativo secretário-geral do partido, deputado Francisco Pinto, e o deputado Miguel Arraes, também da Executiva Nacional, gravaram pronunciamentos que serão incluídos.

Tanto Arraes quanto Francisco Pinto haviam sido excluídos do programa quando de sua gravação, na noite de 14 de setembro. Indignados, os dois parlamentares recusaram-se inclusive a assistir a gravação, no auditório do Congresso Nacional. Mas a pressão dentro das fileiras oposicionistas continuou, e os setores mais conciliadores do PMDB tiveram que recuar de sua posição. Em seu pronunciamento, o deputado Francisco Pinto denuncia a conciliação com o regime e enfatiza a necessidade de eleições diretas para a Presidência da República.

No dia 21, a Direção Nacional do PMDB voltou a reunir-se em Brasília. As críticas sobre a definição dos oradores do programa de televisão do partido voltaram a se fazer sentir. O deputado Ademir Andrade, do Pará, chegou a afirmar que "o povo quer mudar e o PMDB não pode assumir a posição conciliatória que vem assumindo, nem o papel de coadministrador da crise".

O episódio, embora desgastante para o PMDB, pode servir como lição. Ao atuarem contra as aspirações das massas, os conciliadores se caracterizam cada vez mais como colaboradores do governo. E serão desmascarados.

A rebelião dos 20 mil em Manaus

Revoltadas com o abusivo aumento das passagens de ônibus, cerca de 20 mil pessoas depredaram o centro de Manaus, dia 20. Houve uma verdadeira batalha campal entre o povo e a PM na praça da Matriz, com um saldo de 50 feridos. No final da noite havia mais de 100 ônibus destruídos. Um busto do ex-presidente Costa e Silva não escapou à ira popular.

O deputado João Pedro, do PMDB, fala aos manifestantes na praça da Matriz.

O aumento das passagens de ônibus em Manaus levou as entidades estudantis, democráticas e populares a convocarem um ato público para o dia 20. Uma passeata se dirigiu ao palácio do governador para exigir a revogação do aumento de Cr$ 80,00 para Cr$ 110,00, entre outras medidas. Mas por ordem do governo, uma tropa de 500 policiais barrou a multidão, impedindo todos os acessos ao palácio. A Comissão que coordenava o ato tentou convencer os policiais a liberarem o caminho, mostrando que a passeata seria pacífica. Diante da recusa policial e sem poder sair da praça da Matriz, onde se encontrava, o povo protestou gritando palavras de ordem.

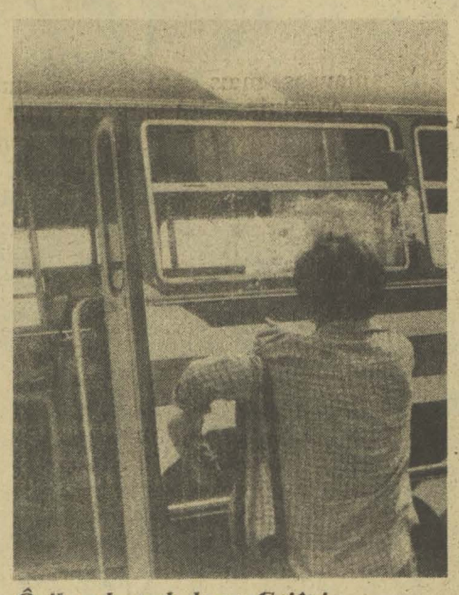
Em resposta a PM agiu com a selvageria de costume, atirando bombas de gás lacrimogênio, espancando e jogando jatos d'água nos populares. O povo reagiu atirando pedras nos policiais até que romperam o cerco. Nesta altura a praça havia se transformado num campo de guerra. Cerca de 50 pessoas sairam feridas da pancadaria e outras 30 foram presas e encaminhadas ao DOPS.

REVOLTA POPULAR

A multidão saiu depredando paradas de ônibus e *out doors* do governador Gilberto Mestrinho. Um busto do general Costa e Silva, que havia na praça da Matriz foi deixado aos pedaços. A revolta atingiu tal proporção que os ônibus que estavam num raio de 15 quilômetros foram quebrados, queimados ou danificados. Segundo fontes oficiais cerca de 100 veículos coletivos foram atingidos pela ira popular. Foi a maior explosão social em toda a história de Manaus.

A crise econômica do país se reflete de maneira acentuada no Estado, que tem um dos custos de vida mais caro e um dos salários mínimos mais baixos (cerca de Cr$ 28 mil, retirado os descontos). Os recentes aumentos nas passagens de ônibus foi a gota d'água que transbordou a paciência do povo. Nos últimso três anos as passagens aumentaram 1.733%, enquanto que os salários não subiram nem 700%. Com o novo preço das passagens, um trabalhador de salário-mínimo gastará 50% do seu salário só com condução.

O governador também contribuiu para a explosão popular, ao autorizar a polícia a proibir a manifestação. Gilberto Mestrinho tem tido uma atitude lamentável no trato das questões com o povo. Um exemplo é sua atuação nas invasões de terra. Ao invés de alojar os migrantes nas imensas áreas vazias ao redor de Manaus, ele manda a PM desalojar os humildes posseiros. No dia 20, o povo nada mais fez do que reagir às agressões de que estava sendo vítima.



Ônibus depredado em Goiânia.

MOBILIZAÇÃO EM ANÁPOLIS

Diversas entidades democráticas e populares de Anápolis, se reuniram dia 19 para criar o "Comitê de Defesa do Usuário de Transporte Coletivo". Este Comitê foi criado para lutar contra os aumentos das tarifas dos ônibus urbanos, que passaram de Cr$ 70,00 para Cr$ 100,00. Também tem o objetivo de melhorar a qualidade dos transportes, a luta pela meia passagem para estudantes e desempregados e a implantação de linhas integradas.

A sessão da Câmara Municipal do dia 15, que votou pelo aumento das passagens de ônibus foi bastante agitada. Apenas os vereadores do PMDB, José Escobar e Antonio de Deus votaram contra o reajuste nos preços. No final da sessão, os vereadores que votaram a favor do aumento tiveram que sair correndo do recinto temendo a revolta popular.

Em Goiânia, continua a luta pelo meio-passe estudantil e contra o aumento das tarifas de ônibus. No dia 14 vários ônibus da empresa Transurb foram depredados. Este fato chamou a atenção para o problema da meia-passagem estudantil e no dia 18 o deputado Ildefonso Avelar (PMDB) solicitou ao presidente da empresa reivindicando o meio-passe. Depois de uma audiência das entidades estudantis com o presidente da Transurb, este último já admite conceder a meia passagem aos estudantes. **(das sucursais).**

Na nova Carta o FMI quer parar o Brasil

A nova Carta de Intenções junto ao FMI foi assinada pelo governo Figueiredo. Condena o povo brasileiro a uma escalada do desemprego e de submissão. As ordens dos banqueiros internacionais são duras: cortes nos salários, nas importações e nas despesas públicas. A tática é clara: enfraquecer para dominar.

Passeatas, comitês, greves. Engrossa a luta contra o desemprego.

As metas da nova Carta já foram denunciadas pela **TO:** seu objetivo principal é a recessão. Com o corte nos salários, através do decreto 2.045, o mercado interno leva uma pancada, a população perde poder de compra. O corte nas importações terá que ser violento, pois foi projetado um superávit na balança comercial de 1984 50% maior do que o exigido para este ano, e o mercado mundial não pemite avanço nas exportações. O corte nas estatais completa o quadro recessivo, ao atingir um setor que equivale a 1/3 da economia e que ainda não teve grandes quedas.

O governo tentou apresentar a assinatura da Carta como vitória. Delfim Netto afirmou que agora tudo vai dar certo. Mas qual a diferença entre essa nova fase do acordo e as outras?

Se fôssemos analisar a nossa situação com base nos sorrisos dos ministros ou no acompanhamento de suas idas e vindas a Washington, Paris e Nova Iorque, pareceria que vivemos no melhor dos mundos.

No entanto a verdadeira face da dívida externa está nas ruas, debaixo das pontes nas fábricas, obras, usinas e fazendas. A violenta recessão, que já é mesmo uma depressão, tem sua manifestação clara nos saques, nas filas de desempregados, nas crianças destruídas pela fome. O desemprego é ponto central dessa calamidade social em que se transformou o Brasil.

CÂNCER SOCIAL

É muito difícil saber o número de desempregados no Brasil. Quem calcula um dos principais índices é o IBGE. Mas quem controla o IBGE é o Delfim, portanto o índice está totalmente desacreditado. Segundo o IBGE o número de desempregados está em torno de 3 milhões.

Quem denuncia a falsidade dos índices é Marco Antônio de Sousa Aguiar, um dos principais técnicos do próprio IBGE, que se demitiu para não compactuar com a fraude no INPC, também calculado por aquele órgão.

Segundo Aguiar, o IBGE dispõe de cálculos mais precisos sobre o desemprego, mas não os divulga. O próprio ministro do Trabalho, baseando-se em estatísticas do SINE, afirmou recentemente que o número de desempregados poderá ultrapassar 6 milhões no fim do período de Figueiredo, somando-se a esse número 7 milhões de subempregados. O total levantado pelo ministro equivale a 27% da população economicamente ativa, mais de 1/4 da força de trabalho paralisada.

Outra forma de sentir a intensidade da crise é medindo a capacidade ociosa da indústria. Recente pesquisa industrial realizada pela Fundação Getúlio Vargas nos revela que a utilização da capacidade instalada na indústria de transformação passou de 85%, no fim de 1980, para 72% em julho de 1983. Portanto hoje 28% das máquinas das indústrias estão paralisadas, por falta de mercado para seus produtos. Na indústria de bens de capital, setor chave para o sistema econômico, a crise é ainda maior. As máquinas paradas representam 42% do total. Aí está uma prova da incapacidade do sistema capitalista de organizar eficientemente a produção: de um lado milhões de braços parados; do outro milhares de máquinas paralisadas. **(Luiz Gonzaga).**

Mulheres mineiras protestam contra o aumento do leite

Diversas mães desesperadas e famintas participaram de uma manifestação contra o aumento do leite, em Belo Horizonte, no dia 16. O ato foi convocado pelo Movimento Popular da Mulher e levou 300 populares às escadarias da igreja São José, onde reivindicaram o congelamento do preço do leite e a distribuição deste produto às famílias carentes.

As crianças da capital mineira estão tomando água no lugar do leite. Depois que o litro do produto passou para Cr$ 190,00 esta situação se agravou ainda mais. "Não vamos ficar de braços cruzados. Com estas medidas o governo federal está condenando nossos filhos à subnutrição e à morte", argumentou Jô Moraes, uma das coordenadoras da manifestação.

Dona Maria, mãe de nove filhos, com o caçula de três meses no colo, chorando, conta a sua situação: "Minha casa é muito triste. Meu marido e os dois filhos mais velhos estão desempregados. Quando consigo arranjar leite, misturo com seis litros d' água e ponho um pouco de fubá para render e dá só para os meninos menores". Uma outra mãe com seu filho nos braços, Maria dos Santos Correia, deu seu depoimento durante o ato: "Pensei em tirar o peito dele, pois estou muito fraca e quase desmaio quando ele vai mamar, pois também não como. Até agora (16 horas) não pus nada na boca. Na minha casa a gente só come arroz com feijão, e quando tem". O marido de Maria está desempregado há seis meses.

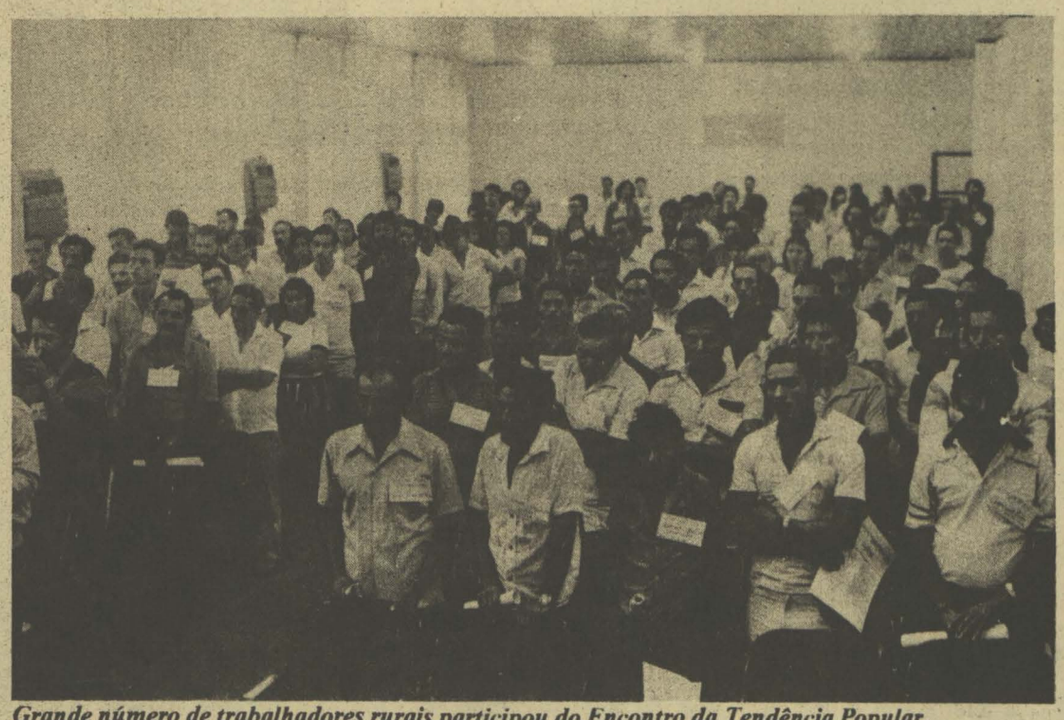
DOCUMENTO AO GOVERNO

O Movimento Popular da Mulher enviou um documento às autoridades com suas reivindicações, onde explica também os problemas causados à saúde pela falta de leite. "A carência desse alimento básico leva a um estado de desnutrição global, com conseqüências futuras irreparáveis e irreversíveis. A criança desnutrida é mais sensível a todo tipo de doenças, sendo submetida a internações hospitalares muito mais freqüentes, podendo apresentar ainda nítido retardo mental, com dificuldades de aprendizagem", denuncia o documento.

O clima de revolta era grande entre todos os que participavam da manifestação. "Esse governo está querendo ver a gente morto, mas nós vamos é unir para lutar, todo mundo junto", repetia dona Regina, do bairro Gorduras. Ficou marcado para o dia 12 de outubro, Dia da Criança, o prazo para as autoridades darem uma resposta às reivindicações.

No encerramento da manifestação, Jô Moraes afirmou que esta "vigília pela vida" está começando, apenas. "Nesse momento é um litro de leite para nossos filhos. Mas sabemos que temos de ir muito mais longe. E para garantir o futuro dessas crianças teremos força para lutar contra quem está causando tudo isso, esse governo que está entregando o país e massacrando o povo". **(da sucursal).**

Mulheres e crianças na manifestação contra o aumento do leite, em Belo Horizonte.



Grande número de trabalhadores rurais participou do Encontro da Tendência Popular.

Encontro Popular no Acre

Cerca de 400 pessoas, na maioria trabalhadores rurais, participaram do Encontro da Tendência Popular do PMDB no Acre, no dia 11 deste mês. Cerca de 30 personalidades políticas, entre elas o deputado federal Aluísio Bezerra e o deputado estadual Manoel Pacífico, e o próprio governador Nabor Júnior integraram a mesa de coordenação dos trabalhos.

Em seu discurso o governador Nabor Júnior assinalou que "o povo brasileiro desesperançado já não acredita nas medidas paliativas dos tecnocratas que governam o país. A federação dos Estados de há muito deixou de existir, pois o governo centralizou toda a riqueza nos seus cofres e cada vez mais cresce a sua arrecadação, que já atinge 70% do total." Estava prevista a participação do secretário geral do PMDB, deputado Francisco Pinto em uma palestra sobre "A Crise Nacional". Mas como foi impossível o seu comparecimento, a conferência foi substituída por uma mesa redonda sobre o tema, que foi retransmitida pela Rádio Difusora para todo o Estado do Acre.

Foram aprovadas moções exigindo a solução dos problemas básicos da população acreana como estradas, assistência técnica e creditícia à produção, saúde, educação, moradias dignas. No plano nacional o Encontro se posicionou a favor de eleições diretas para a presidência da República e dos prefeitos dos municípios considerados de segurança nacional, pela rejeição do decreto 2.045 e pela convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte. O governo estadual se comprometeu a pautar sua atuação por estas orientações.

O deputado federal Aluísio Bezerra assinalou que este encontro dá continuidade à grande batalha democrática sustentada pelas massas populares em novembro de 1982: "Não bastou ganhar as eleições, que constituiram uma etapa dessa grande jornada do povo acreano e brasileiro na sua caminhada pela derrubada da ditadura e, mais ainda, pela derrubada dos entreguistas que estão vendendo a pátria a preço de dólar aos gringos estrangeiros".

O Encontro manifestou também irrestrita solidariedade ao povo da Nicarágua e de El Salvador diante da agressão militar americana. Foi discutido ainda o intercâmbio fronteiriço com os povos irmãos do Bolívia e Peru, visando a melhoria de vida desses povos amazônicos. **(Saulo Petean).**

Estudantes gaúchos em greve na PUC

Os estudantes da PUC de Porto Alegre estão em greve desde o dia 15, em protesto contra as altas mensalidades cobradas pela reitoria. A paralisação foi deflagrada em assembléias realizadas nos turnos da manhã, tarde e noite, que reuniram 12 mil universitários. A adesão ao movimento é de 100%. No quinto dia de greve foi conquistada a primeira vitória: a reitoria, que se negava a conversar, aceitou iniciar negociações com a Associação dos Docentes e o DCE. Tem havido tentativas de intimidação, como a feita pelo diretor da Faculdade de Comunicação que ameaçou o diretor do Centro Acadêmico, Arlindo Pasqualini, prometendo-lhe represálias aos grevistas. A presidente da UNE, Clara Araújo, esteve no Estado para prestar solidariedade aos estudantes gaúchos. **(da sucursal).**

A luta foi vitoriosa na Rural do Rio

Numa vigorosa luta travada desde o começo do segundo semestre, os estudantes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro conseguiram atingir todas as suas reivindicações: legalização dos DAs e DCE; participação nos fóruns deliberativos da Universidade; formação de uma comissão (Reitor, um professor, um estudante) para ir a Brasília exigir verbas; cantina dos universitários para ser administrada pelos estudantes, que formarão uma cooperativa; manutenção do bandeijão ao preço de 120 cruzeiros, e outras.

O ponto forte do movimento foi a ampla participação e a habilidade da direção da entidade, apesar da tentativa de algumas posições de greve de qualquer jeito, sem a necessária preparação.

O reitor chamou a polícia mas foi isolado politicamente pela diretoria, que denunciou a violação da soberania universitária. Com isso conseguiram que o governo retirasse as tropas. No dia seguinte nem o reitor admitia ter chamado a polícia. **(da sucursal).**

Em Sergipe os flagelados obtêm vitória

Os camponeses de Sergipe, que invadiram várias cidades há duas semanas, conseguiram uma primeira vitória: o governador do Estado assinou um acordo autorizando o pagamento dos salários nas frentes de trabalho quinzenalmente, como exigiam os trabalhadores. Agora a reivindicação é que a quantia paga seja igual ao salário mínimo regional: Cr$ 30.800,00.

A imprensa burguesa do Estado tentou apresentar o governador como bonzinho. Mas o presidente do Sindicato Rural de Poço Redondo, Manoel Dionízio, logo esclareceu que ele fez isto porque tem medo do povo. **(da sucursal).**

Gráficos de São Paulo contra arrocho

Somando-se às inúmeras entidades que rejeitam os recentes decretos governamentais de arrocho salarial, o Sindicato dos Gráficos de São Paulo nos enviou uma carta onde afirma: "É pensamento geral no Sindicato ignorar quaisquer decretos-leis". Mais adiante diz que "não é justo, nem necessário e sequer possível, descarregar sobre as classes trabalhadoras todo o peso de uma crise evidentemente provocada por interesses situados fora do Brasil ou por pretensos 'brasileiros'. A própria tentativa de não permitir que os salários acompanhem a alta do custo de vida é um exemplo de que existem elementos, que infelizmente dispõem de poder, capazes de imaginar que as classes trabalhadoras são escravas".

Eletricitários criticam acomodação no Sindicato

A *Tribuna Operária* esteve nas Oficinas Gerais da Eletropaulo, no Cambuci, para colher opiniões sobre as eleições da nova diretoria do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo, no próximo dia 29. Pôde sentir que há descontentamento com o atual presidente da entidade, Rogério Magri, que já trabalhou no local e considera-o seu "curral eleitoral".

Trabalham na Eletropaulo do Cambuci cerca de 2 mil funcionários, alguns dos quais conheceram Magri antes dele ter sido eleito presidente do Sindicato, há seis anos. "Eu trabalhei junto com ele", diz um funcionário da manutenção com sete anos de casa, que relata: "Quando ele foi para o Sindicato pensei que as coisas fossem melhorar, mas não melhoraram em nada. A profissão continua desvalorizada, com muitos riscos de vida e um salário baixo. O Sindicato está enfraquecido, desacreditado. E um dos maiores culpados é o próprio Magri que se acomodou, não fez nada pela categoria. Faz muito tempo que ele não aparece aqui para conversar com os peões; e quando vem, vai direto falar com a chefia".

Uma jovem, com seis anos no Cambuci, é mais dura na crítica: "O Magri não está lutando pela categoria. O negócio dele é defender a empresa, dizer que ela está em crise. A categoria vive abandonada, não tem força para exigir nenhuma melhoria".

Já um senhor, há 21 anos na empresa, afirma que "o Magri estagnou. Já venceu o tempo dele e ele não fez nada". Diz que votará na chapa 2, **Oposição Eletricitária,** "porque a renovação sempre dá vida a um Sindicato" e faz uma analogia: "Você vê os militares: eles estão no governo há 20 anos e afundaram o país. É preciso que eles saiam, é preciso renovar para ver se o país melhora um pouco".

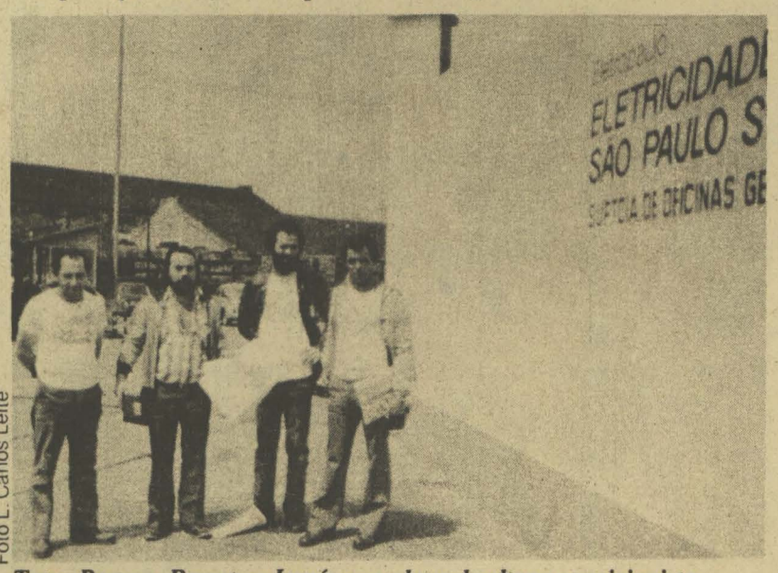


Foto L. Carlos Leite

Tatu, Romeu, Barreto e Josué: membros da chapa oposicionista.

DIRETORIA ACOMODADA

Um funcionário da manutenção lembra que no ano passado foi formada uma comissão, composta por dois operários de cada setor, para negociar com a empresa aumentos salariais e o reenquadramento de funções. "A comissão foi ao Magri pedir ajuda do Sindicato e ele nos prometeu apoio. Só que nunca mais deu as caras, esfriou a comissão e enfraqueceu as nossas reivindicações. Isso deixou o pessoal da comissão muito bronqueado com a atual diretoria e a maioria está apoiando a chapa de oposição". Na sua opinião "o Magri não merece o voto do pessoal do Cambuci. Ele se acomodou no cargo, não faz nada pela categoria, traiu-a".

Todo este descontentamento com a atual diretoria tem fortalecido a chapa 2, **Oposição Eletricitária,** que tem dois membros trabalhando no Cambuci. Um deles, Romeu Dias, está bastante esperançoso: "Por todos os setores que a gente anda o pessoal faz duras críticas ao Magri e é receptivo à proposta de renovação da diretoria. O pessoal fala que é preciso um Sindicato forte para enfrentar a atual crise econômica, que é necessário unir a categoria para lutar por seus direitos. E estas são as propostas da nossa chapa. O Sindicato não é apenas para prestar favores e dar remédio. Precisamos de um Sindicato forte, ativo, e o Magri já mostrou que não está interessado nisto".

Foto: L. Carlos Leite

A assembléia aprova a pauta de reivindicações dos metalúrgicos.

Metalúrgicos paulistas em luta salarial

No último dia 16 os metalúrgicos da capital paulista deram início à campanha salarial numa assembléia com cerca de 3 mil operários. O eixo central da campanha é a luta contra o arrocho salarial e a categoria reivindica 87% de reajuste, desconhecendo na prática o nefasto decreto-lei 2.045. Junto com Guarulhos e Osasco são 500 mil operários em luta.

Como destacou a metalúrgica desempregada Maria do Socorro, "esta campanha salarial se dá num momento em que o governo tenta massacrar ainda mais a classe operária através do decreto-lei 2.045, do desemprego e da carestia. A nossa única saída é a luta unitária e decidida". Foi muito aplaudida quando afirmou que "o jeito é parar novamente, como a gente fez no dia 21 de julho. Só assim vamos poder enfrentar este decreto do arrocho". E novamente recebeu aplausos, mais entusiásticos, quando concluiu: "Enquanto existir este regime militar, nós não vamos ter sossego. Precisamos derrubá-lo! Precisamos de um novo governo!"

Ainda é cedo para sentir qual a disposição da categoria. Um dado importante é que foram feitas várias greves este ano **(ver box)**; outro é que a presença na primeira assembléia foi boa, comparando-se com os anos anteriores. Segundo um torneiro mecânico da Ford do Ipiranga "o pessoal está meio perdido com estes decretos do governo. Estes decretos não dão a chance nem da gente negociar com os patrões. Já está tudo decidido, limitado". Por outro lado ele tem reparado um estado de tensão muito grande na fábrica: "O governo nunca foi tão xingado, ninguém o defende. A gente só ve elogios aos saques, aos quebra-quebras, e todo mundo fala que a situação só vai melhorar quando tiver um estouro de boiada".

Como forma de mobilização da "campanha contra o arrocho", o Sindicato tem feito vários atos públicos nos bairros da periferia e já imprimiu um milhão de convocatórias para a manifestação do próximo dia 30, na Praça da Sé, contra o decreto-lei 2.045. Os metalúrgicos também reivindicam estabilidade no emprego e comissões de fábrica. Na assembléia foi denunciada a infiltração de provocadores que incitaram uma briga.

Um ano de mobilização

O que aumenta as expectativas com a campanha salarial dos metalúrgicos da capital paulista é que este foi um ano de muitas lutas, com várias e importantes greves, diferente dos três anos anteriores. Segundo levantamento parcial feito pelo Sindicato, de janeiro a setembro 28 fábricas entraram em greve, totalizando 15.425 grevistas. Mas o ponto alto desta onda de mobilização se deu com a greve geral do dia 21 de julho. Calcula-se que cerca de 3/4 dos 400 mil operários do setor não foram trabalhar e que a maioria das 13 mil empresas do município não funcionou ou operou com capacidade de 20% dos seus empregados. Nas 36 principais fábricas, com mais de mil metalúrgicos, as máquinas não chegaram a ser ligadas.

Mês	Empresa	Grevistas	dias	Motivo	Resultados
Fevereiro	Caio	600	21	demissão	fábrica fechada
	Eletrolet	200	1	salário atrasado	pagamento
	Bom Clima	300	1	salário atrasado	pagamento
Março	Rohm	150	1	demissão	estabilidade de 6 meses
	Biselli	300	2	salário atrasado	pagamento
Abril	Cristofle	90	1	condições de trabalho	vistoria do sindicato
Maio	Armic	110	1	salário atrasado	pagamento
	Sprecher	500	2	demissão	estabilidade de 6 meses
	Gema	330	1	demissão	readmissão
Junho	Standard	130	1	dia de pagamento	vale, comissão e estabilidade
	Biselli	300	2	salário atrasado	pagamento
	Aços Paulista	300	6	fechamento da fábrica	indenização
	Hênio	120	1	redução salarial	salário mantido
	Difasa	40	1	salário atrasado	pagamento
	Newtoy	45	1	salário atrasado	pagamento parcial
	Sabroe	300	1	demissão	estabilidade e readmissão
	Villares	3.500	2	demissão	estabilidade
	Pimont	90	1	demissão	readmissão e comissão
	TRW	700	1	demissão	estabilidade
	Eltec	300	1	demissão	readmissão e comissão
	Barbará	250	3	demissão	estabilidade e comissão
Julho	Tatto	1.100	1	demissão	estabilidade
	GTE/Mulitel	1.800	1	demissão	
	TMA	110	3	salário atrasado	pagamento
Agosto	Quasar	230	2	salário atrasado	liberação do FGTS
	Cutimar	130	1	salário atrasado	pagamento
	Eletroalloy	200	1	salário atrasado	pagamento
Setembro	Villares	3.000	—	demissões	—

Presidenta da UNE rebate diretores conciliadores

Clara Araújo, presidenta da UNE, entrevistada pela *Tribuna Operária,* afirma que as críticas de dois diretores da entidade só têm como objetivo confundir os estudantes e colaborar com o governo na tarefa de sabotar a organização e a luta dos universitários. Ela defende um Congresso da UNE de combate contra o governo e em defesa da Universidade.

TO — Durante a gestão da atual diretoria, vocês conquistaram uma sede nacional para a UNE no Rio de Janeiro. Houve um maior reconhecimento da entidade por diversos setores políticos e cresceram as lutas estudantis. Apesar disto, recentemente dois diretores deram uma entrevista à imprensa fazendo ataques à diretoria. Como você explica isto?

Foto: Mirian Fichtner

Clara Araújo, falando no último Coneb.

Clara: Em primeiro lugar, embora usassem o nome da diretoria eles falaram apenas por eles mesmos. E as posições que tomaram são coerentes com a postura que tomaram durante todo este ano. Quando se propunha uma greve, um dia de luta ou qualquer mobilização, eles contrapunham com a proposta de ida ao Conselho Federal de Educação ou ao Ministério da Educação e Cultura para dialogar. Nas questões políticas eles propunham a conciliação com o governo — dizem que a solução é com modificações no atual modelo econômico e com a substituição de nomes no Ministério. No último Conselho Nacional de Entidades de Base (Coneb), realizado em julho, 90% dos representantes presentes rechaçaram as posições destes colegas.

É lógico que agora eles saiam com críticas dizendo que a UNE é "partidarizada", que não representa os estudantes, etc. Se fosse na boca da Polícia Federal, do governo ou do Ministério da Cultura, isto era compreensível, pois esta sempre foi a posição oficial sobre a UNE. É a opinião daqueles que não querem a UNE. Mas é vergonhoso um estudante, ainda mais um diretor da entidade, sair por este caminho. É lamentável.

Eles se desmascaram quando propõem que o Congresso não discuta conjuntura nacional, quando é exatamente isto que todos os setores discutem. Só ao governo interessa que o estudantes e o povo não discutam a situação política e econômica do país. No fundo eles têm medo de enfrentar a opinião da maioria dos estudantes, que já os derrotou no Coneb e vai ser pior ainda no Congresso.

E para completar, eles querem eliminar o quórum mínimo, seja em assembléias ou em escolha em urna, para os delegados ao Congresso. Com isto eles querem uma entidade amorfa, onde cada entidade manda delegados como quiser, inclusive por simples indicação da diretoria. Isto sim é que mostra afastamento das bases, porque não mobiliza os estudantes para participar do Congresso e da escolha dos representantes. E levantar estas questões agora, em cima do Congresso, só visa afastar os estudantes dos temas centrais e confundir com coisas sem nenhum interesse.

TO — Quais as suas previsões sobre o próximo Congresso da UNE, a se realizar nos dias 20 a 23 de outubro em S. Bernardo?

Clara — Deve ser o Congresso mais representativo e mais concorrido, porque se realiza num momento de grave crise. Será um Congresso de luta. Deve aprofundar ainda mais a mobilização dos estudantes para enfrentar a crise econômica e política, tirando formas concretas de atuação e apontando para a necessidade da saída imediata deste governo Figueiredo, que não tem mais credibilidade para dirigir o país. Será um Congresso de repúdio a toda tentativa de conciliação, que só serve para manter no poder aqueles que vendem o país e levam o povo à miséria.

Será um Congresso em defesa da Universidade. Discutiremos uma campanha nacional por uma universidade pública e democrática. Lutaremos pela permanência dos estudantes que estão nas escolas particulares e para barrarr a ameaça de fechamento dos restaurantes universitários e de cursos nas universidades federais por falta de verbas.

Até os reitores recentemente reconheceram a situação de calamidade da Universidade brasileira. E se declararam em estado de alerta. As mensalidades nas escolas particulares variam de 30 a 110 mil cruzeiros. Só na PUC de Porto Alegre, desde o ano passado, 4 mil estudantes tiveram que largar o estudo. E calculamos que com os últimos aumentos das anuidades, estão ameaçados outros 300 mil em todo o país.

Os estudantes, como parcela da população, são atingidos pela crise tanto no que diz respeito à universidade, na medida que ela provoca o fechamento de escolas e a redução das verbas para o ensino, como do ponto de vista geral, como trabalhadores. A grande maioria dos estudantes hoje trabalha não só para poder estudar como para se manter e sustentar sua família. Por isto tudo, a UNE, que sempre teve uma atuação de luta pela democracia, cada vez mais tem que conclamar os estudantes a participar das lutas populares — particularmente agora, num momento chave, em que se exige uma saída imediata da crise, do ponto de vista dos interesses da maioria da população.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Metalúrgico quer união para enfrentar o facão

Aqui na Mercedes-Benz, tempos atrás, havia peão que não acabava mais atravessando o portão. Hoje já não é assim. Nós podemos notar que baixou e muito o número de empregados, só de observar nos portões da fábrica. Para piorar ainda mais, estão passando o facão. Pelo menos mais 2 mil operários serão demitidos. Na terça-feira mandaram 8 embora só na minha seção. Ela é um setor importante, pois nela são feitos os blocos de 6 cilindros. Isto é coisa deste governo do Delfim e Figueiredo, que vêm com este decreto 2.045 para piorar a situação.

Mas com a união de todos os operários podemos dar um jeito nas coisas. Quando a gente faz greve, o pessoal de São Paulo e outros lugares tem que participar também. Como foi no dia 21 de julho.

Agora me falaram sobre o Conclat e a CUT, que eu não sabia direito o que era. A idéia é boa, pois ajuda a nossa união. Mas fiquei sabendo que tiraram uma CUT em São Bernardo e que só participa uma parte dos sindicalistas, apenas os ligados ao PT. Bom. Desse jeito as coisas vão continuar ruins, porque a CUT é de todos os trabalhadores, e não só de um Partido. E desse jeito nós vamos escutar a peãozada aqui em S. Bernardo desanimada, dizendo que falta união com os trabalhadores de outros lugares, como foi nos dias 6 e 7 de julho. A CUT tem que ser de todos. **(metalúrgicos da Mercedez, S. Bernardo do Campo-SP).**

PMDB de Conceição do Araguaia apoia presos

O Movimento Trabalhista do PMDB de Conceição do Araguaia vem a público manifestar seu apoio e solidariedade aos presos do Araguaia que, neste mês de agosto, faz dois anos que amargam nas celas do regime militar que vigora em nosso país. Com base em leis que são feitas contra o povo, e em benefício de uma minoria, os direitos dos trabalhadores, tanto do campo como da cidade são feridos violentamente. Leis feitas para reprimir todos aqueles que se prestam a lutar pelos direitos democráticos, liberdade e justiça.

Assim como os presos do Araguaia, existem outros patriotas, presos na mesma condição, baseados na Lei de Segurança Nacional, lei esta odiada por todos os democratas e patriotas. O Movimento Trabalhista do PMDB manifesta aqui seu protesto e repúdio contra a prisão dos padres e posseiros do Araguaia e outros companheiros, como também contra a Lei de Segurança Nacional, que os mantêm presos e que só dá segurança àqueles que pretendem continuar no poder com seus privilégios.

O Movimento Trabalhista do PMDB, seguindo os princípios que regem o Partido, reforça a grande luta pela instalação do regime democrático e o livre exercício dos direitos políticos. Conclama todos os patriotas a lutarem: Pela liberdade dos presos do Araguaia. Pela reforma agrária radical e imediata. Por amplas liberdades políticas. Pelo fim da Lei de Segurança Nacional. Pelo fim da ditadura militar. Pela união dos trabalhadores brasileiros. **(Movimento Trabalhista do PMDB, Conceição do Araguaia-PA)**

Denúncia dos alunos do Piauí

Em nome dos alunos da Unidade Escolar Presidente Castelo Branco, o ginásio de Piracuruca, viemos a público denunciar as arbitrariedades do diretor deste estabelecimento, Antonio Brito Fortes, que é também vereador do PDS.

Cobra uma caixa escolar de Cr$ 100,00 — ou o aluno paga ou não faz as provas. Obriga os alunos a comprarem um cartão de bingo no valor de Cr$ 100,00 — ou compra ou fica sem assistir aula. E obriga todos os alunos a irem de farda completa ou não entram no colégio.

Sr. Secretário de Educação, pedimos a sua colaboração, porque nós, estudantes de Piracuruca não temos empregos nem recursos. Nossos pais são trabalhadores rurais e estamos enfrentando a maior seca do Brasil e temos de enfrentar um diretor burro e radical, que vive tomando o nosso dinheiro para fins que ainda não chegaram aos nossos conhecimentos.

A Caixa Escolar era de Cr$ 50,00 mensais. No último aumento da gasolina ele passou a cobrar Cr$ 100,00, alegando que esse dinheiro era para pagar a gasolina de seus carros para viagens à capital. Esse motivo não justifica que alunos da escola fiquem responsáveis para pagar gasolina dos carros do diretor para tratar de seus negócios particulares.

Sr. Secretário da Educação, como temos conhecimento que existe uma portaria que não obriga pagar Caixa Escolar quando não temos condições, não obriga os alunos a irem somente de uniforme completo, pedimos a sua colaboração para que tome medidas urgentes, por parte de V. Excelência. **(M.C. dos Santos-Piracuruca-Piauí).**

O desemprego é um dos problemas que mais aflige o trabalhador atualmente. Por isso o "Fala o Povo" tem recebido inúmeras cartas de operários relatando o drama enfrentado pelos desempregados ou daqueles que ainda não foram atingidos pelo "facão". Neste número destacamos a carta de um metalúrgico da Mercedes Benz, falando da ameaça que paira sobre dois mil operários que poderão ser demitidos a qualquer momento. Ele pede união dos trabalhadores para enfrentar esta situação. Ele também fala da CUT do PT, criada em São Bernardo, criticando o divisionismo no movimento sindical e diz que "a CUT tem que ser de todos".

Peões da Lasa querem receber

A retirada das equipes de trabalho da Petrobrás de Cruzeiro do Sul já começa a produzir efeitos: cerca de 100 trabalhadores foram dispensados e estão reclamando na Delegacia do Trabalho que não recebem devidamente os direitos trabalhistas, como horas extras e gratificações. A Lasa, empreteira da Petrobrás para serviços de pesquisas de petróleo chegou a contratar 300 trabalhadores para os seus trabalhos.

Segundo informou o delegado do trabalho, os operários estão reclamando do pagamento realizado pela Lasa. Francisco Tomé de Oliveira, cozinheiro de uma turma de trabalho durante mais de um ano, está querendo receber o pagamento de horas extras. Ele trabalhava das quatro horas da madrugada às nove da noite.

Cosme Maciel da Silva, filho de Cruzeiro do Sul, 40 anos, operador de moto-serra, prestou o seu depoimento: "Trabalhei durante seis meses na Vila Carauari, no rio Juruá, abrindo clareiras e picadas na mata, implantando dinamite a dois metros de profundidade. O nosso problema é que fomos dispensados e acreditamos que a Lasa não está pagando os nossos direitos trabalhistas e outros com igual período de trabalho, um ano, não receberam nada". **(Saulo Petean-Cruzeiro do Sul, Acre).**

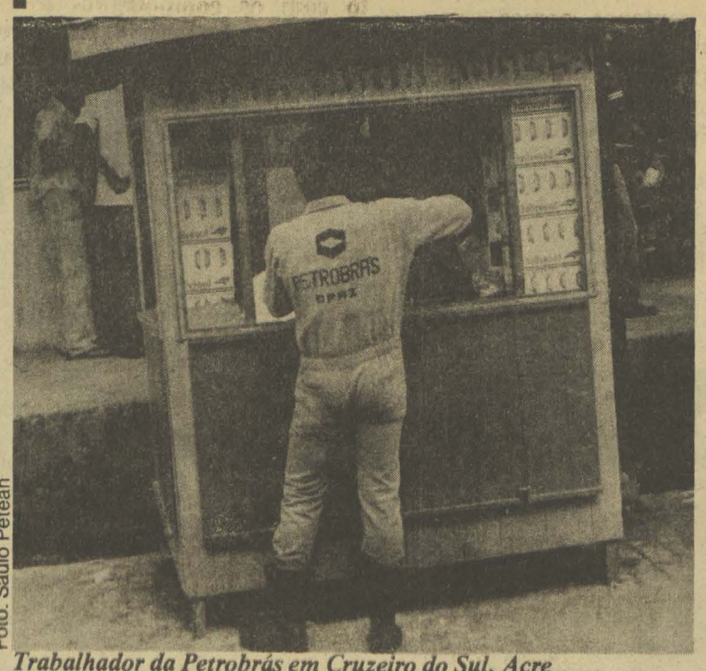


Foto: Saulo Petean

Trabalhador da Petrobrás em Cruzeiro do Sul, Acre

Abusos de um prefeito do Maranhão

Prefeito antipopular, corrupto e ditador. Estas são as qualidades que o povo de Esperantinópolis comenta serem as do prefeito daqui. Este homem não olha os interesses do povo, mas os de sua família. Seus parentes estão sendo empregados na prefeitura. Tem deles comprando casa na capital do Maranhão. Seus salários são maiores que os dos funcionários que não são parentes do prefeito.

Recentemente o prefeito abusou do poder para querer expulsar da cidade um cidadão honesto e trabalhador. O presidente da Câmara dos Vereadores, Francisco Santos Monteiro, apoiou o arbítrio do prefeito. Tudo isso para satisfazer a vontade de um apaniguado do PDS. Só que desta vez ele sobrou. O relojoeiro Francisco das Chagas, vítima dessa injustiça, continuou trabalhando na cidade. Não esmoreceu com as intimidações do prefeito ditador.

Também por motivo político foram demitidas 10 professoras que não tinham feito opção pelo Fundo de Garantia. Mas o prefeito assinou suas carteiras a opção. As professoras não iam receber nem aviso prévio, nem reajuste salarial e nem décimo terceiro. Mas foram à justiça, e ele teve que pagar. Também os vereadores do PMDB estão com ação na justiça porque o prefeito está roubando uma parte de seus salários. Esse prefeito só vive em São Luís. Não resolve os problemas do povo de Esperantinópolis. **(um leitor da T.O., Esperantinópolis, Maranhão).**

Roraima nas maõs de incompetentes

Boa Vista, extremo norte do país. Também aqui os militares demonstraram claramente a sua incompetência administrativa. Por ser território federal, a União destinou-lhe este ano o valor de Cr$ 24 bilhões, sendo que 60% foram usados para pagar dívidas da campanha do PDS contraídas no ano passado.

Também foram os militares que criaram a Companhia de Desenvolvimento de Roraima (Codesaima), que quando ainda era projeto já era uma empresa falida sob todos os aspectos. Basta citar o seu Projeto Anauá, tão faraônico que só se compara aos escândalos administrativos do território. Ele deveria ser o maior parque de lazer da América Latina, com cerca de 640 mil metros quadrados. Só na escavação para afundar o que deveria ser um lago artificial com diâmetro de 50 metros gastou-se Cr$ 360 milhões. Toda essa área é, assim, o maior absurdo administrativo.

Os militares que vão para Boa Vista são nomeados pelo governo federal, e que, quando aqui chegam já estão acompanhados de seu secretariado ridiculamente militar. Todas as secretarias do território são ocupadas por militares incompetentes que nada fazem a não ser tentar calar a luta do trabalhador que começou a se organizar. E o pior é que eles dizem que não sabem no que gastar os Cr$ 4 bilhões do Finsocial destinados a Roraima. Como se o povo não sentisse o desabrigo e a fome reinante miseravelmente nas escolas e lares. **(S.-Boa Vista, Roraima).**

Em Cedro, água é só para coronéis

Estou escrevendo para a **Tribuna Operária** para denunciar as irregularidades que estão acontecendo em Cedro ultimamente, e que tem o conhecimento das autoridades. Uma delas é o alistamento no programa do Bolsão da Seca de pessoas com condições financeiras, filhos de comerciantes, proprietários e filhos de proprietários, que não têm a menor necessidade e tiram assim o sustento de outras famílias. Além disso, há também o problema da distribuição da água, que só serve aos coronéis, havendo ruas da periferia da cidade onde o caminhão pipa nunca nem passou. O pior é que as autoridades não fazem nada, ao contrário, apóiam isso. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cedro teve que pedir afastamento do alistamento de pessoas no Bolsão, ficando agora a cargo do próprio escritório do governo fazer isso, e foi aí que surgiram as grandes irregularidades. Pessoas que tentaram falar contra isso já foram até ameaçadas.

Espero que isto seja publicado na **T.O.** a fim de que as autoridades vejam que o povo não está de todo adormecido, e já começa a se rebelar contra estas injustiças. **(J.E.O., Cedro, Ceará).**

Leitor entrevista representante da Paraíba

O leitor José Pereira Silva, ao tomar conhecimento do assassinato da presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, Margarida Maria Alves, entrevistou para a **Tribuna Operária** o representante do governo da Paraíba em São Paulo, Osvaldo Pessoa Jurema. Solicitou-nos que publicássemos a entrevista no **Fala o Povo:**

P — O marido de dona Margarida, Severino Casemiro Alves, acusa os usineiros do grupo da Várzea como mandantes de seu assassinato. O que o senhor acha?

Osvaldo — O governo da Paraíba não vai medir sacrifícios para solucionar este crime, doa a quem doer. Dentro de 72 horas (a entevista foi feita no dia 29 de agosto) teremos maiores informações a respeito.

P — É possível que de fato os criminosos, neste caso, vão parar na cadeia?

Osvaldo — Eu já lhe disse e vou repetir que o governo da Paraíba vai solucionar este caso de qualquer maneira, custe o que custar, provando asssim não só ao povo da Paraíba, mas a todo o país, sua eficiência e, acima de tudo, justiça. Portanto isso não é só possível, mas vai acontecer.

P — Comenta-se que o Secretário da Segurança da Paraíba estaria ligado aoi grupo da Várzea, que estaria envolvido no assassinato da Margarida...

Osvaldo — Não sei a respeito do que você acaba de me perguntar. Mas posso garantir que, se for provado que o Secretário da Segurança tem algum vínculo que o comprometa, ele não será o comandante que dirigirá as investigações.

P — Como o senhor acha possível acabar com a impunidade dos senhores de terras?

Osvaldo — Primeiro de tudo quero lhe dizer que eu sou a favor da reforma agrária. Mas para isto é necessário conscientizar os políticos e os capitalistas. Na situação atual eu acho isso não só difícil, mas inviável.

Quero ver um Brasil diferente

Como seria boa ver um Brasil sem
dívida externa
sem carestia e inflação
governado pelo povo
e não por um ladrão.
O que será deste país
se tudo que produzimos vai
para as mãos dos estrangeiros?
Vamos lutar brasileiros
por este país tão sonhado.
Ver um Brasil diferente
e não um Brasil acabado.

(Joquinho, Montes Claros, MG)

CDM Centro de Documentação e Memória Unicamp Maurício Grabois

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Um governo provisório

Agravam-se todos os problemas do país. Alastra-se por todo lado o descontentamento com o governo. Entre as próprias fileiras governistas reina a confusão. A situação toma contornos de uma grave crise política. E criam-se as condições para substituir o governo atual por outro, provisório, que represente o anseio democrático da imensa maioria.

CRISE POLÍTICA

Um acontecimento mais grave, um conflito entre os próprios donos do poder, uma disputa mais acirrada pela sucessão, ou uma manifestação mais poderosa do povo contra a miséria que lhe atiram sobre os ombros, pode representar o estopim para esta crise política. Em situações deste tipo, é provável uma desagregação das forças governantes, envolvidas em luta pelo poder e uma paralisação momentânea do aparato repressivo, que em vez de atacar grupos relativamente dispersos, tem que se haver com um impetuoso movimento de amplas massas. Veja-se por exemplo o que ocorreu no Irã, quando milhões saíram às ruas e forçaram a derrubada do odiado Xá Reza Pahlevi.

Nestas condições, embora possam ainda não existir condições para a instauração de um poder popular, de caráter revolucionário, é possível a constituição de um governo provisório que represente as forças democráticas e patrióticas e o movimento popular e assegure a liberdade.

O proletariado, interessado em liquidar o regime e passar à revolução, pode apoiar e participar de um governo deste tipo como forma concreta de ajudar as massas a elevar o seu nível de consciência e avançar na luta revolucionária.

FORMAS DE TRANSIÇÃO

Abordando este assunto no 7º Congresso da Internacional, George Dimítrov afirmava: "Para ajudar as massas a compreender o mais rapidamente possível, à base de sua experiência, o que tem de fazer, onde encontrar a saída decisiva e compreender que o Partido Comunista merece sua confiança; para isto são necessárias, entre outras coisas, palavras de ordem transitórias e formas especiais de transição ou de aproximação da revolução proletária. Sem isto as amplas massas do povo que são presas das ilusões e tradições democráticas pequeno-burguesas poderão, até numa situação revolucionária, vacilar, perder tempo, vagar sem encontrar o caminho e cair sob os golpes dos verdugos fascistas"... Por isso salientamos a possibilidade de formar, sob as condições de uma crise política, um governo de frente-única antifascista."

PREPARAR A REVOLUÇÃO

Mas um governo provisório como este, que inclui forças com interesses muito diversos, embora possa representar um papel de grande importância, tem objetivos limitados. Os setores democráticos das classes dominantes visam quebrar o monopólio do poder instaurado pelos generais. Mas não estão nos seus planos transformações profundas na sociedade. No máximo aceitam certas concessões ao povo. Já o movimento popular, além de liqtidar o regime militar, tem como objetivo construir a democracia popular rumo ao socialismo. Ou seja, na luta pela liberdade política trata de abrir caminho para a revolução.

Explicando este governo de frente única Dmítrov indicava que "não estará em condições de destruir a dominação da classe dos exploradores e por esta razão não poderá eliminar definitivamente o perigo da contra revolução fascista. Por conseguinte, é preciso preparar-se para a revolução socialista."

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, antiga Trav. Brig. Luiz Antonio, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. **Telefone:** 36.7531 (DDD 011). **Telex:** 01132133 TLOPBR.

Jornalista responsável: Pedro de Oliveira

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.

Sucursais:
ACRE — Rio Branco: Rua Belém, 91, Estação Experimental Rio Branco — CEP 69900. **AMAZONAS — Manaus:** Rua Simon Bolivar, 231 — A (Pça. da Saudade) — Caixa Postal 1439 — CEP 69000. **PARÁ — Belém:** Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - CEP 66000. **MARANHÃO — São Luiz:** Rua do Machado, 174 - Centro - CEP 65000. **PIAUÍ — Teresina:** Rua Eliseu Martins, 1130, 1º andar - CEP 64000. **CEARÁ — Fortaleza:** Rua do Rosário, 313, sala 206 - CEP 60000. **Sobral:** Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100. **RIO GRANDE DO NORTE — Natal:** Rua Fonseca e Silva, 1098, sala 202, Alecrim - CEP 59000. **PARAIBA — João Pessoa:** Rua Padre Meira, 30, sala 108 - CEP 58000. **Campina Grande:** Rua Venâncio Neiva, 318, 1º andar - CEP 58100. **PERNAMBUCO — Recife:** Rua Sossego, 221 - Boa Vista - CEP 50000. **Cabo:** Rua Vigário Batista, 239 - CEP 54500. **Garanhuns:** Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3 - CEP 55300. **ALAGOAS — Maceió:** Rua Cincinato Pinto, 183, Centro - CEP 57000. **SERGIPE — Aracajú:** Rua João Pessoa, 299, sala 28 - CEP 49000. **BAHIA — Salvador:** Rua Sen. Costa Pinto, 845, Centro - CEP 40000. **Feira de Santana:** Av. Getúlio Vargas, 260, sala 101 - CEP 44100. **Camaçari:** Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800. **Itabuna:** Av. Juracy Magalhães, 180, sala 204 - CEP 45600. **MINAS GERAIS — Belo Horizonte:** Av. Amazonas, 491, sala 817. Fone: 224.7605 - CEP 30000. **Juiz de Fora:** Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - CEP 36100. **GOIÁS — Goiânia:** Rua 27, nº 69, Centro - CEP 74000. **DISTRITO FEDERAL — Brasília:** Ed. Goiás, sala 322, Setor Comercial Sul - CEP 70317. **MATO GROSSO — Cuiabá:** Rua Comandante Costa, 548. Fone: 321.5095. CEP 78000. **MATO GROSSO DO SUL — Campo Grande:** Rua Antonio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100. **ESPÍRITO SANTO — Vitória:** Av. Vitória, 961 - Forte São João - CEP 29000. **RIO DE JANEIRO — Rio de Janeiro:** Rua São José, 90, sala 2208 - CEP 20000. **Rio de Janeiro:** Rua Carvalho de Souza, 155, loja F, Madureira - CEP 20000. **Niterói:** Av. Amaral Peixoto, 370, sala 807 - CEP 24000. **Duque de Caxias:** Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. **Nova Iguaçú:** Rua Otávio Tarquínio, 74, sala 605 - CEP 26000. **SÃO PAULO — São Bernardo do Campo:** Rua Tenente Sales, 229, sala 32 - CEP 09700. **São Caetano do Sul:** Rua Sta. Catarina, 39, sala 303 - CEP 09500. **Campinas:** Rua Regente Feijó, 592 - CEP 13100. **Marília:** Rua Dom Pedro, 180, 1º andar - CEP 17500. **Piracicaba:** Rua Gov. Pedro de Toledo, 1367 - CEP 13400. **Ribeirão Preto:** Rua Sergipe, 119 - CEP 14100. **Santos:** Av. D. Pedro II, nº 7 - CEP 11100. **São José dos Campos:** Rua Sebastião Humel, 185, sala 7 - CEP 12200. **Taubaté:** Rua Souza Alves, 632, sala 5 - CEP 12100. **PARANÁ — Londrina:** Rua Sergipe, 891, salas 7 e 8 - CEP 86100. **RIO GRANDE DO SUL — Porto Alegre:** Rua General Câmara, 52, sala 29 - CEP 90000. **Caxias do Sul:** Rua Dr. Montaury, 658, 1º andar, sala 15 - CEP 95100. **Pelotas:** Rua Andrade Neves, 1589, sala 403 - CEP 96100.

A **TRIBUNA OPERÁRIA** é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e impressa por Proposta Editorial, Rua Heitor Penteado, 236, loja 8. Tel.: 263.3115 - São Paulo - SP.

Os novos cartolas e o prestígio do esporte amador

O futebol profissional afunda no atoleiro da mediocridade e da improvisação, enquanto os assim chamados esportes amadores — vôlei e basquete principalmente — acumulam medalhas, prestígio e popularidade. Uma e outra estrutura, porém, mantêm imperfeições e não servem ao fortalecimentos da prática esportiva e nem ao desenvolvimento técnico desta.

Foto: Rogério Carneiro

Bernard, de repente, um ídolo

A crônica esportiva, de forma geral, e boa parte dos atletas e dirigentes, identificam os sucessos do esporte amador como decorrência de uma "nova concepção" de direção e administração do esporte. Carlos Arthur Nuzman, presidente da Confederação Brasileira de Volei, é o principal expoente dessa geração de cartolas inovadores.

Nuzman foi voraz e objetivo. E também ousado, justiça seja feita. Proibiu a saída de jogadores para o exterior. O vôlei é o único esporte brasileiro onde existe tal tipo de restrição. Articulou junto ao CND a regulamentação das ADCs. Montou um calendário atraente e competitivo e contratou ampla cobertura jornalística através da TV Record.

Rapidamente o vôlei passou de terceira para segunda força esportiva na preferência do público. E, hoje, há quem o coloque na liderança. Os índices de audiência não negam esta projeção. O "boom" de popularidade serviu de carro chefe aos outros esportes. E no rastro dos saques de Bernard e dos levantamentos perfeitos de Wiliam, ganharam destaque os arremessos de Hortência e Marcel, os "piques" de Agberto e Conceição Jeremias e as braçadas helicoidais de Pradinho.

De forma que, atualmente, os dirigentes do esporte amador, quando abordados sobre os bons resultados proporcionados pela sua renovada estrutura, citam o futebol como exemplo de tudo o que não deve ser feito. No outro extremo, os analistas dos fracassos do futebol sempre usam o referencial do vôlei para sugerir medidas que reanimem o morimbundo com um pé na cova e o outro também.

E no entanto, pouco mudou no panorama esportivo do país. A prática do esporte continua sendo restrita, penosa e concentrada nos núcleos de sempre. A infra-estrutura permanece inerte na crônica desatenção à infância e aos jovens atletas. Mesmo nas grandes cidades, são raros os colégios que possuem ginásio de esportes. Nas Universidades, a sua prática é insignificante. Onde, então, o milagre de Nuzman e seus seguidores?

A mágica foi romper o bloqueio da mídia. Ao ocupar espaço na TV, nos jornais e nos out-doors o esporte amador ganhou um falso rótulo popular. O povo vibra e se alegra com as vitórias. E a tática de investir num grupo pequeno "retorna" com mais rapidez. Em vitórias e também em lucros.

A sentença parece estar proclamada. Por caminhos diferentes, o esporte amador vive a fase pioneira da experiência profissional em vias de colapso no futebol. À medida em que decolar definitivamente no vôo sem retorno da espiral do lucro, corre o risco de trombar com a navê desgovernada do futebol. Sem combustível para manter ou ganhar altitude, também não encontrará teto para pouso. Por mais que isto desagrade os patriarcas desses encoberto e pirotécnico" esportecídio". **(J. Madureira).**

Foto: Claudile Petrolli

Basquete: no rastro do vôlei

Foto: Rogério Carneiro

Nara Leão, musa da bossa nova e papel destacado na música popular.

Nara Leão, o canto que é brasileiro

Ela já foi a musa da bossa nova. Desempenhou papel muito importante e nas carreiras de Maria Bethânia e Chico Buarque de Holanda, entre outros. E sempre se pautou pela defesa dos nossos valores culturais. Assim é Nara Leão. Uma cantora de bela voz, e de idéias na cabeça. Parte ativa da história da nossa música popular, que a *Tribuna Operária* entrevistou:

T.O. — Que trabalho você está desenvolvendo agora?

Nara — Estou com um disco novo. Metade é samba. Mas também tem uma naucatarineta da Teca Calazans, tem frevo pernambucano, tem a Camerata Carioca, que é um conjunto acústico que tem o Joel do Bandolim, tem o Cacique de Ramos, tem o Paulo Moura...

A coragem dos independentes

T.O. — Você tem contato com os compositores e músicos novos?

Nara — A gente sempre procura esse contato. O trabalho do pessoal novo, independente, é muito importante. É uma turma com muita coragem. Investe dinheiro e depois tem que competir com as multinacionais na venda dos discos. Fazer um disco ainda não é tão complicado. Mas colocar no mercado, isso sim é muito difícil.

T.O. — Como a monopolização do mercado do disco influi no desenvolvimento da música brasileira?

Na rádio, só o estrangeiro

Nara — Olha, a música brasileira, que é reconhecidamente uma das melhores do mundo, ainda não é muito valorizada no próprio Brasil. Às vezes é mais fácil você ouvir a música brasileira na Europa, do que no nosso país. Aqui a gente ouve sempre o mesmo som. A maior parte do povo brasileiro não sabe inglês. No entanto, é isso o que toca nas rádios, aquelas músicas americanas, com os mesmos ritmos, as mesmas batidas, tudo mais ou menos parecido. A gente acha uma pena que uma música tão bonita, como é a brasileira, não esteja sendo trabalhada no Brasil. A verdade é que as companhias de discos têm um interesse muito grande em vender discos estrangeiros, porque eles saem muito baratos. Não se paga o músico, não se paga o estúdio, não se paga nada. É só pegar um disco, uma fita, e reproduzir. Já um disco feito aqui é mais caro, tem que pagar. Com isso os discos estrangeiros invadem o mercado.

Todos querem ser americanos

T.O. — Nara, você gravou músicas francesas, fez versões de Moustaki. Como está o intercâmbio cultural do artista brasileiro com a produção que realmente tem valor, do exterior?

Nara — Isso é bem pequeno. Esses trabalhos que eu fiz... é que eu morei dois anos em Paris, e lá tive muito contato com os artistas. Mas na verdade os Estados Unidos tomam conta de tudo...

T.O. — O que se pode fazer para formar um intercâmbio maior com os artistas progressistas de outros países, com a arte progressista estrangeira?

Nara — Eu acho difícil. todos precisariam de uma união maior em torno de seus valores. Todo mundo tem vergonha de ser do terceiro mundo. Todos querem ser americanos, né? Então, quando chega aqui um uruguaio, um paraguaio, não existe um interesse maior pelo seu trabalho. Mesmo os artistas têm essa dificuldade. Existe um domínio econômico muito forte. Fica bem difícil. Se o Paraguai fosse um país rico, como os Estados Unidos, todo mundo iria cantar suas músicas, cantaria em espanhol...

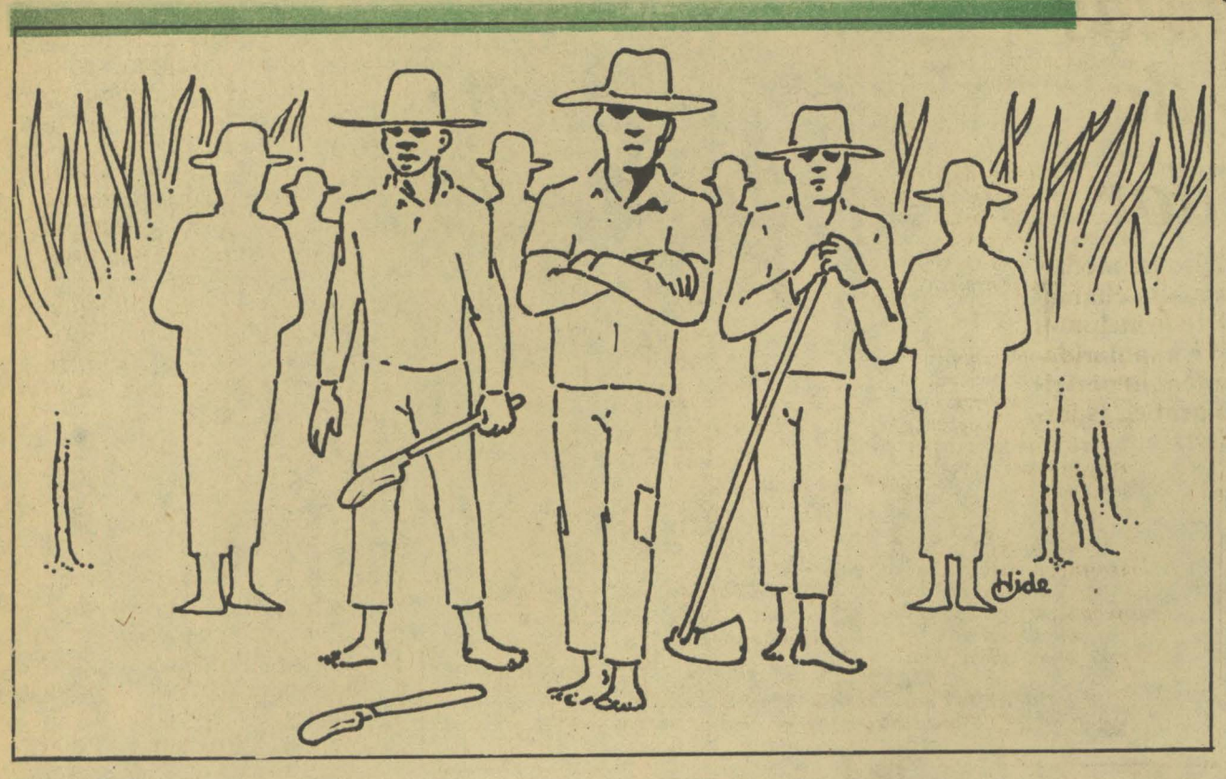
Foto: Freddy Koester

Nara: "A música brasileira é, reconhecidamente, uma das melhores do mundo".

Publicações da Editora Anita Garibaldi Ltda.

o imperialismo e a revolução (Enver Hoxha)	Cr$ 800,00
Relatório ao 8º Congresso do PTA (Enver Hoxha)	Cr$ 800,00
Discurso aos eleitores (Enver Hoxha)	Cr$ 300,00
Farabundo Martí, herói do povo de El Salvador	Cr$ 200,00
Os comunistas e as eleições (V.I. Lênin)	Cr$ 400,00
Educação revolucionária do comunista (D. Arruda)	Cr$ 500,00
O revisionismo chinês de Mao Tsétung (J. Amazonas)	Cr$ 800,00
Pela liberdade e pela democracia popular (João Amazonas)	Cr$500,00
Socialismo, ideal da classe operária e anseio de todos os povos (João Amazonas)	Cr$ 500,00
Guerrilha do Araguaia	(esgotada)
Princípios (revista teórica), nºs 3, 4 e 6	Cr$ 500,00 o exemplar

Pedidos à Editora Anita Garibaldi Ltda. (com envio de cheque nominal no valor da compra). Rua Major Quedinho, 300, sala 3, CEP 01050. Bela Vista, São Paulo, Capital.



Os canavieiros votam pela greve

Cem mil cortadores de cana da Zona da Mata de Pernambuco compareceram domingo passado às assembléias de seus 44 Sindicatos — superando todas as expectativas, inclusive da Fetape (a Federação dos Trabalhadores Rurais). Deste total, 60 mil associados votaram na ficha verde, que quer dizer greve nos canaviais caso as suas exigências sejam recusadas.

O comparecimento às assembléias da campanha salarial superou em 20 mil o registrado no ano passado. *Fichados* (assalariados permanentes) e *clandestinos* (trabalhadores cujos patrões não assinam a carteira) compareceram em massa — em assembléias mais do que representativas dos 240 mil canavieiros do Estado. A combatividade e o entusiasmo gerais se traduziam em milhares de cartazes contra o decreto 2.045, Delfim Netto e o FMI. Ao final, a opinião generalizada era de que a greve é um recurso inadiável, tamanha a fome que os trabalhadores estão passando.

Nas assembléias não houve incidentes, mas há um clima de opressão e perseguição nas usinas e engenhos. No engenho Rosário, em Carpina, por exemplo, o proprietário Zeca Correia postou cinco capangas armados na porteira para impedir a entrada de delegados sindicais que convocavam a assembléia. No engenho Palmeira, o fiscal da Usina Jaboatão, do mesmo município, chegou a ameaçar de morte o canavieiro Inácio Cândido dos Santos, que fazia propaganda da campanha salarial.

A TORTURA DO BIGODE

Este fiscal é conhecido nas redondezas por submeter trabalhadores a seções de tortura — arrancando fios do bigode da vítima.

O movimento sindical pernambucano também não esquece o assassinato de Ananias Oliveira da Silva, baleado na Usina Central Barreiros no dia 2 de março último, por insistir em receber o salário atrasado. Numa área onde os patrões são netos de senhores de escravos, os trabalhadores e seus sindicatos estão em permanente estado de vigilância. "Existe aqui uma guerra muda" — relatam os delegados sindicais.

Na terça feira após as assembléias, a Fetape e os Sindicatos notificaram os patrões de suas 42 reivindicações e deram um prazo de cinco dias. Ao fim dele, se não houver negociação, ou se esta chegar num impasse, haverá greve. **(da sucursal).**

Os trabalhadores rurais de Pernambuco e Rio Grande do Norte precisam de sua ajuda! Mande sua colaboração para a *Fetape*, na rua Gervasio Pires 876, Recife. E para a *Fetarn*, na rua Apodi 221, Natal. Eles solicitam apoio politico e material, financeiro.

Sertanejos usados num jogo sujo

Além de usar a violência e chorar "dificuldades", enquanto vivem num luxo faustoso, os usineiros pernambucanos usam nesta campanha um outro truque baixo: a contratação, a preço vil, de flagelados da seca no sertão. Uma leva deles já foi trazida, do sertão paraibano. E o presidente da Associação dos Fornecedores de Cana (categoria patronal subordinada aos usineiros), Antonio Celso, entrou em entendimento com o governador do Estado pedindo ajuda no transporte de 50 mil sertanejos. Objetivo: esvaziar a greve.

Sabe-se que muitos desses trabalhadores, acostumados que são no trato do mato sertanejo, estão com as mãos estouradas pelo corte da cana e o uso dos herbicidas. Porém o mais grave é que pagam-lhes menos do que o costume, pois a tarefa de cana cortada que lhes dão por dia é superior, às vezes em 2 mil quilos, à exigida dos canavieiros.

Por isso mesmo muitos desses sertanejos eram encontrados nas assembléias. E manifestavam o mesmo entusiasmo combativo dos demais, inclusive nas votações por aclamação.

Riograndenses do norte vão parar também

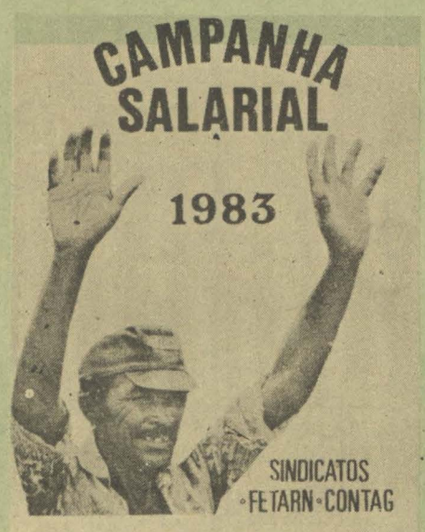
Os 30 mil assalariados rurais dos 13 municípios canavieiros do Rio Grande do Norte também preparam a greve, com assembléias marcadas para dia 25. Há um ano eles "cruzaram as ferramentas" por três dias, na primeira greve da sua história. Venceram. Agora, vêem na luta "a única forma de garantir os direitos conquistados através do dissídio de 1982".

Na campanha passada, a decisão de parar foi tomada dia 3 de outubro em assembléias com um total de 10 mil participantes. Os patrões recorreram a capangas armados e à polícia. Em Ceará-Mirim, onde a luta foi mais acesa, o filho de um fazendeiro chegou a agredir o advogado da Fetarn (a Federação dos Trabalhadores) e amassou completamente seu carro com uma colhedeira mecânica. Mas os canavieiros agüentaram firme e afinal conseguiram um salário superior ao mínimo da região, redução das tarefas, "lei de sítio" (direito de cultivar um lote de terra), etc.

Cedo, porém, ficou clara a perfídia dos patrões. Várias cláusulas do acordo passaram a ser ignoradas. Trabalhadores e líderes sindicais sofreram violências. Os senhores de terras não abrem mão do "regime escravo sobre a força de trabalho dos assalariados da cana", como diz a Fenarn. Assim, a campanha deste ano promete repetir a combatividade de 82.

"Acabou a escravidão"

Alguns versos do cordel publicado pelos Sindicatos, explicando uma a uma as reivindicações dos cortadores de cana potiguares :



ÁREA CANAVIEIRA

A ilustração do cordel potiguar

Nós já temos consciência
De nossa sabedoria
Que nós não cortando cana
A usina pararia,
Porque somos a potência
E o álcool a energia.

E ninguém vai trabalhar
Debaixo do empurrão,
Pois já vai fazer cem anos
Que acabou a escravidão
E ninguém é mais cativo
Da chibata do patrão.

E nesta segunda greve
Vamos botar prá quebrar
Ou nos dão nossos direitos
Ou então nós vai parar
Não adianta os capanga
Querer nos ameaçar.

E esta segunda greve
Tem que ficar na história
Sindicato e camponês
Vão cantar a sua glória.
Vamos dizer ao Brasil
Que união é vitória!

Nordeste: urgente é a reforma agrária

Com sua técnica sofisticadíssima, a TV Globo tentou, dia 18, superar a si mesma e conseguir o impossível: fazer do drama dos sertanejos nordestinos um *espetáculo global*. Porém diferentes personalidades pernambucanas, ouvidas pela *Tribuna Operária*, têm sérias críticas a uma coleta de donativos que nada resolverá.

Para Antonio Marques, secretário geral da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco (Fetape), "Essa campanha de donativos é mais um paliativo, que não vai nem resolver o problema emergencial. A solução de emergência, ainda de forma paliativa, seria trabalho para toda mão-de-obra capacitada, sem distinção de sexo, recebendo salário mínimo e não os Cr$ 15.300 atuais. Esta tem sido a posição do movimento sindical, pela qual nós lutamos desde 79. Afinal de contas, o sertanejo não é um pedinte".

"Com três coisas — prossegue Marques — se resolve o problema do Nordeste: primeiro, a reforma agrária, terra para quem nela trabalhe e queira trabalhar; segundo, assistência creditícia e técnica, preço competidor para a produção; e, finalmente, água, através de poços, açudes, perenização e canalização de rios".

Em relação ao governo, o líder sindical é incisivo: "Se o governo, o que está aí e os que já passaram, tivesse querido resolver o problema da seca, teria criado condições para que o sertanejo convivesse com ela. Só que as iniciativas que eles tomam são para colocar mais recursos na mão do latifundiário e não na do trabalhador".

Já dom Francisco Austragésilo, bispo de Afogados de Ingazeira, afirma com ironia: "Bendita seca, porque precisou de uma seca de cinco anos para despertar a nação para o drama do povo nordestino, que é vivido o tempo todo, independente da seca, e que só será resolvido com a reforma agrária".

Sérgio Guerra, líder do PMDB na Assembléia Legislativa pernambucana, considera que "o que as classes dominantes estão discutindo é apenas se o nível de contribuição para o Nordeste é baixo ou suficiente.

O símbolo da campanha da Globo oculta a preocupação consciente e premeditada de não deixar o povo do Nordeste e do Brasil se dar conta da raíz do problema

Há um certo consenso de que os recursos são insuficientes, porém esta dissensão não fere a questão central, que é a seguinte: a miséria dos nordestinos é conseqüência de todo o modelo econômico e é também conseqüência de políticas regionais que canalizam os recursos no sentido de ampliar privilégios e manter condições sociais subordinadas a um regime de crescente exploração".

UM QUILO POR FLAGELADO

Já Gonzaga Patriota, o único deputado estadual oposicionista eleito pelo sertão pernambucano, achou "louvável a ação do povo brasileiro". Mas fez questão de acrescentar: "Estas campanhas não resolverão o problema de cerca de 20 milhões de flagelados. Os alimentos arrecadados, divididos, dariam uma média de um quilo por flagelado! Os quase 4 bilhões de cruzeiros, se aplicados em alimentos, também serão dispersados da mesma maneira. Eu mesmo estou sugerindo que este dinheiro seja investido na construção de 5 mil poços artesianos, só que entregues às comunidades. Mas ao governo interessa manter a indústria da seca, que aliás o ajuda a se manter no poder — é só ver as últimas eleições".

Concluindo, Patriota opina "que o povo brasileiro que fez as doações no dia 18 não estava feliz, e sim envergonhado. Sair de casa para doar um saco de farinha, em um país tão rico e grande, envergonha".

SE A ESMOLA É GRANDE...

Luciano Siqueira, deputado estadual da tendência popular do PMDB, também deu sua opinião: "A campanha da Rede Globo, na medida em que concentra-se na solicitação de ajuda material ao sertanejo faminto, corre o risco de encobrir a questão de fundo: o problema da seca é essencialmente social e político, e não principalmente um problema climático. Fosse outra a estrutura agrária e outra a política agrícola do governo, seguramente o povo do sertão enfrentaria a seca sem a fome, a sede e o desespero de agora".

A propósito, vale citar alguns nomes altamente suspeitos que fizeram "generosas" doações para a campanha: O embaixador americano deu uma "contribuição" de 25 mil dólares. O Bradesco, maior banco privado do país, em cujas agências foram feitos os depósitos, deu um cheque inicial de Cr$ 25 milhões. Roberto Marinho, o bilionário dono da Globo, deu outro cheque de igual valor. E quando a esmola é grande... **(da sucursal).**

Flagelados recebem salário pela metade!

Pariconha, no alto sertão alagoano castigado pela seca, tem frentes de trabalho vigiadas com rigor pelos fiscais da Sudene. Mas na semana passada os trabalhadores pararam a "emergência" apesar dos fiscais e fizeram uma assembléia no local da obra, para denunciar as injustiças que sofrem ao deputado estadual Eduardo Bomfim, líder do PMDB no Estado.

Eduardo Bomfim aponta a solução: "Uma reforma agrária verdadeira"

Com a presença do líder camponês José Correia, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Água Branca, a assembléia confirmou as tradições de Pariconha como firme reduto oposicionista. Homens, mulheres e crianças da frente de trabalho apontaram as manipulações e politicagens no alistamento, a discriminação contra as mulheres e os menores. E foram além: mostraram envelopes de pagamento, da Sudene, visivelmente adulterados nas quantias pagas. As rasuras, grosseiras, diminuem até a metade o já miserável salário pago na "emergência". Que ainda assim chega com dois meses de atraso.

As principais reivindicações apresentadas pelos trabalhadores ao líder do PMDB na Assembléia alagoana são: que os alistados trabalhem um dia nas frentes e um dia nas suas roças; pagamento de um salário mínimo regional a cada alistamento, sem atraso; que não seja cortado o pagamento do dia de trabalho de quem chega atrasado (alguns trabalhadores têm de caminhar até 10 kms até a obra).

Eduardo Bomfim falou que o problema da seca só será resolvido com a perenização dos rios sertanejos e, sobretudo, "com uma reforma agrária verdadeira, que distribua a terra para quem nela trabalha".

O roteiro de Bomfim inclui também o município de Maravilha, onde o Sindicato dos Trabalhadores Rurais denuncia irregularidades nas frentes de trabalho. **(da sucursal)**